

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA**

**ERICA LORENA DE SOUZA PEREIRA  
NAYARA APARECIDA TRINDADE**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA  
DO MÉTODO ABACADA**

**PONTA GROSSA  
2022**

**ERICA LORENA DE SOUZA PEREIRA  
NAYARA APARECIDA TRINDADE**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA  
DO MÉTODO ABACADA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselle Cristina Smaniotto.

**PONTA GROSSA  
2022**

**ERICA LORENA DE SOUZA PEREIRA  
NAYARA APARECIDA TRINDADE**

**DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA  
DO MÉTODO ABACADA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora homologada pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como exigência parcial dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Ponta Grossa, 14 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Giselle Cristina Smaniotto

Doutora em Linguística

Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

Prof<sup>a</sup> Karine Ferreira Monteiro

Mestre em Educação

Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

Prof<sup>a</sup> Patrícia Vosgrau Freitas

Mestre em Educação

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedicamos a todos os professores alfabetizadores, que buscam através de sua prática um mundo melhor.

Em memória de nossa colega de curso Eliane A. Reuter, que com sua amizade e companheirismo compartilhou seus conhecimentos, com um exemplo de garra e determinação.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por guiar nosso caminho, por nos dar força durante todo o curso.

A orientadora Prof. Dr<sup>a</sup> Giselle Cristina Smaniotto, que prontamente aceitou o desafio, em orientar nosso trabalho. Agradecemos por todos os ensinamentos, pela calma e o carinho que dedicou a nós durante esse período e a empatia com a qual conduziu todo o processo formativo.

A todos os familiares, que estiveram ao meu lado, me apoiando, em especial aos meus pais Janete Ap<sup>a</sup> Gonçalves da Silva, Nilson Trindade, que juntamente com minha irmã, NicolýAp<sup>a</sup> Trindade e meu marido Valdinei da Cruz Kaspchak, foram minha fortaleza durante todo o caminho. Tenho certeza que a realização desse sonho não é só minha. (Nayara Aparecida Trindade)

Dedico também aos meus familiares, que estiveram presentes em todo momento, aos meus pais Maria Aparecida de Toledo Pereira, Juarez de Souza Pereira, que juntamente com meu irmão Érick José T. de Souza Pereira e meu esposo Rafael José dos Santos, me consolaram na hora do desespero e me deram força e incentivo. A realização desse sonho é de vocês também, principalmente de minha mãe Maria Aparecida de Toledo Pereira que sonhou junto comigo e sempre fez de tudo para realizar esse sonho, a vitória também é sua. (Érica Lorena de Souza Pereira).

Aos meus avós Amadeus Trindade, Iracema Rocha, José Carlos Meira e em especial a Maria da Luz Gonçalves que do céu me guia e me dá forças. E a todos os demais familiares que sempre torceram pelo meu sucesso. (Nayara Ap<sup>a</sup> Trindade)

Pelas amigas, que estiveram comigo durante esses quatro anos de curso, Marley e Maria Eduarda. Principalmente à minha amiga e dupla de trabalho Érica, por todo apoio e união durante todo esse tempo. (Nayara Aparecida Trindade)

Pelas amigas construídas durante os quatro anos do curso, Maria Eduarda Weiber Miranda e a minha dupla de trabalho Nayara por me apoiar em todo o processo e se fazer presente em todos os momentos, até no dia que descobri que seria mãe e que aqui dentro está se formando um anjinho. Dedico esse trabalho também para essa criança que ainda tão pequena irá vibrar junto comigo. (Érica Lorena de Souza Pereira).

A banca examinadora, por aceitar prontamente nosso convite.

“(…) por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

(Emília Ferreiro)

## RESUMO

Por meio da presente pesquisa analisamos criticamente a influência do método Abacada no processo de alfabetização, assim como seus desafios. O intuito do trabalho é compreender as origens e fundamentos deste método e seus resultados à luz da discussão das concepções de alfabetização/letramento, de métodos para alfabetizar e de dificuldades no processo de alfabetização. Para tanto, contribuem para essa reflexão autores como Soares (2016, 2020), Carvalho (2009), Mortatti (2006), Colello (2014), Farias e Graciano (2019), Weiss (2002), entre outros. A pesquisa tem caráter qualitativo, partindo da revisão bibliográfica, da análise dos referenciais utilizados para a estruturação do método Abacada e de entrevistas semiestruturadas realizadas com uma professora, uma pedagoga e uma psicopedagoga. A pesquisa desvelou as concepções teóricas e metodológicas assumidas pelo método em análise para a alfabetização de sujeitos com dificuldades nesse processo e os resultados apresentados.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Métodos de alfabetização. Dificuldades no processo de alfabetização. Método Abacada.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1 A alfabetização na perspectiva do letramento: fazer pedagógico e social</b> .....	13
1.1 Linguagem e alfabetização: concepções e implicações formativas .....	13
1.2 Alfabetização e letramento: conceitos, especificidades e relações .....	18
1.3 Alfabetização no Brasil: aspectos históricos e pedagógicos dos métodos .....	22
1.3.1 Métodos sintéticos.....	25
1.3.2 Métodos analíticos .....	28
1.3.3 Métodos mistos .....	30
<b>CAPÍTULO 2 Aprendizagem: apontamentos, compreensões e dificuldades</b> .....	35
2.1 A aprendizagem e seus desafios .....	36
2.2 Dificuldades de aprendizagem: causas extrínsecas e/ou intrínsecas .....	38
2.2.1 Transtornos de aprendizagem da leitura e da escrita .....	43
2.3 Reflexões sobre como abordar as dificuldades de aprendizagem .....	47
<b>CAPÍTULO 3 Método Abacada: análises e discussões</b> .....	52
3.1 A pesquisa: metodologia, instrumentos e sujeitos participantes .....	52
3.2 A alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem: concepções e percepções dos sujeitos participantes.....	56
3.3 O método Abacada em análise .....	64
3.3.1 Descrição do método .....	64
3.3.2 Análise crítica do método .....	71
<b>Considerações finais</b> .....	81
<b>Referências</b> .....	84
<b>Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	88
<b>Apêndice B- Perguntas das entrevistas</b> .....	91

## INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante transformação e a escola como local de construção de conhecimento, junto com os docentes, deve acompanhar essa transformação para se adequar aos novos desafios. Todavia é comum encontrar nas escolas, profissionais que reproduzem a mesma prática durante anos ou utilizam-se de recursos que não atribuem significado ao conhecimento e ao aluno. Isso pode ocorrer devido à falta de tempo para desenvolver o planejamento, falta de estrutura e recursos na escola, formação inicial e continuada insuficiente, grande demanda burocrática e inúmeras outras adversidades que permeiam o cotidiano escolar. Apesar de todos esses aspectos influenciarem na aprendizagem, deve-se sempre considerar a criança, já que ela deve ser participante ativa do processo pedagógico.

O fracasso escolar tem sido um dos temas discutidos nas áreas da educação, pois a rotulação dos alunos gera grandes e graves influências no processo de aprendizagem. Desse modo se busca quebrar os paradigmas da incapacidade de aprendizagem, pois o problema para a não aprendizagem não se encontra no aluno, mas, muitas vezes, é resultado de práticas de ensino que não condizem com as necessidades de alunos que são esquecidos, ignorados em um canto da sala, seja por professores, coordenação pedagógica, secretarias públicas, até mesmo por colegas e demais sujeitos da comunidade escolar.

Souza e Cardoso (2012) defendem que o professor deve buscar referências que possuam indicativos conceituais e procedimentais constitutivos de práticas bem sucedidas. Esse trabalho deve ser desenvolvido a fim de criar experiências significativas de alfabetização e letramento, demonstrando assim que o aluno é capaz de aprender. A aprendizagem se torna mais significativa e atrativa quando o aluno se sente pertencente ao processo de aprendizagem e atribui significado ao que aprende, quando observa seu cotidiano e visualiza conexões com o que aprendeu. Dessa forma, o ensino deve ser desenvolvido de forma articulada com as vivências e experiências que o aluno possui. Logo, a pesquisa e a busca por informações é de extrema necessidade para que não ocorra uma eterna repetição de fazeres, pois é essencial romper e reinventar os modos de ensinar.

Diante dessas necessidades, o tema escolhido para a investigação é a alfabetização/letramento de crianças com dificuldades de aprendizagem. A escolha da temática deve-se, também, à histórica discussão sobre o “melhor” método de ensino e a busca pela qualidade nas classes de alfabetização. Uma vez que a escola pública tem recebido um número cada vez maior de crianças que apresentam diferentes dificuldades de aprendizagem da língua escrita, compreende-se a necessidade de um modo de ensino diferenciado. Principalmente no que diz respeito ao processo de alfabetização, notam-se lacunas no desenvolvimento de estratégias metodológicas que supram as necessidades desses sujeitos e alcancem os objetivos de forma significativa, para que eles não se mantenham como meros reprodutores.

Nesse contexto, surge o método Abacada, como uma proposta para atender a tais lacunas no processo de alfabetização. Esta pesquisa objetiva compreender e analisar criticamente esse método, criado pela professora Cláudia Mara da Silva, que tem apresentado seus resultados a partir do ano de 2016.

Portanto, tem-se como problema de pesquisa, a seguinte pergunta: Qual é a influência do método Abacada no processo de alfabetização/letramento de alunos com dificuldades de aprendizagem? A fim de responder ao questionamento, tem-se como objetivo geral: Analisar criticamente o método Abacada no processo de alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem; e como objetivos específicos: a) Discutir as concepções de alfabetização/letramento e de métodos para alfabetizar; b) Compreender os fatores externos e internos que influenciam nas dificuldades apresentadas no processo de alfabetização; c) Analisar a estrutura e a influência do método Abacada no processo de alfabetização de alunos com dificuldades de aprendizagem, mediante o relato dos sujeitos envolvidos (professora, coordenadora e psicopedagoga).

O referido método desperta a curiosidade do ponto de vista do conhecimento de estratégias para o trabalho pedagógico. Além disso, o uso do método tem incitado diferentes reações, o que indica a necessidade de estudos críticos devido à sua recente divulgação e sua vinculação aos trabalhos pedagógicos com alunos que necessitam de atenção diferenciada.

O conhecimento sobre o método se deu por meio de uma profissional da área que o utilizou e apresentou bons resultados. Através das narrativas da professora,

surgiu a curiosidade das pesquisadoras em investigar e conhecer os modos de utilização desse novo método, ainda sem comprovação científica. Os dados apresentados se limitam aos conhecimentos empíricos dos usuários.

É importante destacar que, historicamente, há discussões sobre o melhor método para o ensino da leitura e da escrita. Os métodos são baseados nas diferentes teorias que surgem ao longo do tempo. Nas palavras de Prado (2021) percebemos essa diferenciação entre dos métodos tradicionais:

Assim, durante décadas discutiu-se quais desses métodos seriam os mais eficientes: se os sintéticos (que partem da letra, da relação letra - som, ou da sílaba, para chegar à palavra); ou os analíticos, também chamados de globais (que têm como ponto de partida as unidades maiores da língua, como o conto, a oração ou a frase) (PRADO, 2021, p. 120).

Os métodos tradicionais são constantemente criticados, devido ao número de alunos que não foram alfabetizados, mas continuam sendo bastante presentes nas práticas atuais, devido a “facilidade” em realizar os planejamentos. Por possuir atividades simples de repetição e cópia, sem exigir maior pesquisa e estudo por parte do professor, muitos ainda colecionam cadernos amarelados que utilizam desde o início da sua vida profissional, alegando ser mais fácil. Soares (2016), em muitas das suas falas, defende a ideia de que não é a utilização de apenas um método “melhor” ou “mais apropriado” que garantirá a alfabetização, mas defende a perspectiva de uma formação que garanta ao professor o “alfabetizar com método”. Essas discussões serão o pano de fundo para a análise do método em tela.

Dentre os autores utilizados como referência para a discussão da temática, buscamos selecionar profissionais que estudam a alfabetização e o letramento, os métodos de alfabetização e as dificuldades de aprendizagem, entre eles: Soares (2016, 2020), Carvalho (2009), Mortatti (2006), Colello (2014), Farias e Graciano (2019), Weiss (2002).

O trabalho está organizado a partir da revisão teórica, da pesquisa de campo com entrevista semiestruturada e da análise crítica do método (a partir do material de divulgação do método e entrevista com a sua criadora, da pesquisa bibliográfica e dos discursos dos participantes). O trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro apresenta os conceitos de alfabetização, letramento e de métodos de alfabetização. O segundo discute as dificuldades de aprendizagem na alfabetização.

E o terceiro expõe a metodologia utilizada na realização da pesquisa, descreve e analisa o método Abacada a partir dos dados gerados.

## **CAPÍTULO 1 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: FAZER PEDAGÓGICO E SOCIAL**

No presente capítulo, dedicamos a primeira seção à discussão sobre a linguagem e a alfabetização, levando em consideração a influência das concepções docentes no processo de alfabetização e letramento, assim como as expectativas expressas nos documentos norteadores.

Na segunda seção, contemplamos as concepções de alfabetização na perspectiva do letramento, para efetivação de um fazer que contemple o pedagógico e o social. Ressaltamos também, a importância da formação docente e demais aspectos que interferem no processo de aprendizagem.

Na terceira seção, apresentamos um resgate histórico para a compreensão da relevância e importância social da leitura e da escrita, vista como linguagem formal, tendo a escola como responsável por seu processo de ensino. Juntamente com o surgimento das cartilhas e os impactos no modo de ensino e aprendizagem. Como subseção, discutiremos os principais métodos que surgem ao longo da história.

### **1.1 Linguagem e alfabetização: concepções e implicações formativas**

A linguagem é uma das características primordiais do ser humano, ao longo dos séculos as linguagens verbal (fala e escrita), não verbal (corporal, visual, entre outras) e mista (usa a linguagem verbal e não verbal de forma simultânea) foram se aprimorando e se adequando ao contexto e suas necessidades.

Em consonância com essas transformações e necessidades, surgem, por exemplo, a linguagem de sinais (no Brasil, LIBRAS), linguagem musical, linguagem das artes, linguagem plástica ou icônica, linguagem de programação, linguagem gestual, linguagem textual, etc. Mesmo com essa variedade de linguagens a sociedade atual tem como necessidade cultural e econômica a linguagem escrita.

A escrita, em sua forma padrão, norma culta, é vista como a linguagem essencial, já que essa se encontra bastante presente e de forma evidente, em vários locais do cotidiano. Além de ser a linguagem formal, utilizada em contratos, currículos, trabalhos, bulas de remédios, nome de ruas, etc. e ensinada na escola.

Associada aos contextos da escola e sociedade, a linguagem escrita proporciona duplo sentido no processo de ensino (COLOMER, 2007): a “educação para fora”, porque o aluno é convidado a se inserir na cultura letrada; e a “educação para dentro”, na medida em que o sujeito se torna capaz de se situar nesse mesmo contexto, encontrando formas pessoais de ser leitor e escritor. Ressaltamos a existência e a importância das demais linguagens (corporal, sinais, desenhos, visual e mista), porém o foco da discussão deste trabalho será a escrita.

Pensando nessa relevância da escrita, a escola, ao longo dos anos, se tornou a responsável por desenvolver a aprendizagem dessa linguagem. Perante essa realidade, nos deparamos com um problema que vem inquietando diversos estudiosos e profissionais da área da educação: qual o melhor método de alfabetização? Soares (2016) afirma que essa discussão é recorrente, não é algo novo, mas é alvo de reflexão há bastante tempo, devido à necessidade de um método efetivo que ensine a ler e escrever. A autora afirma que esta discussão:

Esteve presente, em nosso país, ao longo da história dos métodos de alfabetização, pelo menos desde as décadas finais do século XIX, momento em que começa a consolidar-se um sistema público de ensino, trazendo a necessidade de implementação de um processo de escolarização que propiciasse às crianças o domínio da leitura e da escrita. (SOARES, 2016, p.16)

O resultado desses debates se configura em um cenário de controvérsias e pontos de vista distintos. Essas divergências perduram até os dias atuais e nos mostram que, muitas vezes, a alfabetização possui uma concepção equivocada e reduzida à escolha de um método, ou seja, acredita-se que a alfabetização acontecerá mediante um bom método, ou ela não acontecerá devido à escolha de um método ruim.

A psicologia, a partir dos anos 50, discute sobre o “período preparatório”. De acordo com essa perspectiva teórica o fracasso escolar nos primeiros anos, se dava devido à falta de preparo para a alfabetização. Os psicólogos acreditavam que não havia aprendizagem, pois as crianças eram carentes e/ou imaturas e precisavam desse período preparatório. Logo, nessa época, muitos testes foram realizados com as crianças para aferir sua maturidade para aprender a ler e escrever. Hoje

podemos perceber que foram realizados de forma errônea e obtiveram resultados equivocados. Nas palavras de Cagliari (1998):

Para resolver o problema, já que não era conveniente deixar essas crianças fora da escola, foi inventado um período que precedesse a alfabetização, o chamado período preparatório, no qual as crianças seriam treinadas nas habilidades básicas até ficarem “prontas” para se alfabetizarem. Sem “prontidão” não se podia realizar um processo de alfabetização eficiente. (CAGLIARI,1998, p. 28)

Na tentativa de deixar esse aluno “pronto” foram realizadas atividades que antecederam a alfabetização. Posteriormente, surgem as cartilhas seguindo esse mesmo padrão de atividades. Cagliari (1998) conclui que os testes foram mal elaborados, pois envolviam questões de linguagem, sem considerar a sua variação.

Queremos aqui ressaltar a importância de ter conhecimento claro dos conceitos, pois equívocos como o do período preparatório se refletem até hoje, quando podemos observar práticas na Educação Infantil ou nas primeiras semanas de aula no Ensino Fundamental que objetivam preparar a criança para o contato com a escrita.

A discussão que envolve a alfabetização se encontra presente também no campo das políticas públicas. Porém, percebe-se que há um equívoco em relação a sua concepção, que muitas vezes é reduzida ao ensinar a ler e escrever, sem estar vinculada ao letramento, mostrando ênfase apenas nos resultados esperados. Esses desacertos evidenciam o distanciamento entre quem projeta as políticas e a realidade escolar, de modo que os objetivos não condizem com as necessidades e possibilidades reais das escolas.

Dentre as metas do PNE (Plano Nacional de Educação), temos a meta 5 que estabelece a busca por alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade: “META 5: Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.” Porém sabemos que a alfabetização não depende apenas da idade que a criança tem, requer acesso aos diferentes materiais e diferentes linguagens que influenciam nas condições e tempo que deverão ser disponibilizados para esse processo.

Com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2018, o ciclo de alfabetização passa a ser o 1º e 2º ano do ensino fundamental, diminuindo um ano se comparado ao PNE.

Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BNCC, 2018, p. 63)

Esse período de um ano, pode parecer indiferente, mas se observarmos a realidade de sala de aula, as demandas do profissional docente, o complexo processo de desenvolvimento infantil, faz grande diferença. Por isso, reafirmamos que a alfabetização não é determinada pela delimitação do tempo em que deveria ocorrer, dois ou três anos, nem por procedimentos estáticos e determinados como um método único. Mas requer compreensão de conhecimentos de diferentes áreas e das particularidades e capacidades de cada aluno, pois cada sujeito possui um tempo próprio de aprendizagem.

Para os professores alfabetizadores, há uma pressão pelas multitarefas que uma sala de aula exige, pelos diversos aportes teóricos. A legislação impõe os resultados que precisa, nesse caso, o aluno alfabetizado e no tempo estabelecido, mas não oferece os meios para atingir esses objetivos, como por exemplo, estudos complementares, instrumentos e estrutura adequada que promova a alfabetização como direito a todos.

Por isso, ressaltamos a importância da formação continuada, como uma formação complementar que auxilia na construção e reflexão das práticas pedagógicas. A responsabilização dos resultados da alfabetização não deve recair apenas sobre o professor, é necessário refletir sobre todo o processo e oportunidades ofertadas aos alunos e sobre as condições do sistema escolar. A garantia da alfabetização não se limita apenas à escola, por isso seus resultados não devem ser responsabilidade somente dos docentes, mas também de quem elabora as políticas, dos pais, das condições sociais, ou seja, de todos que participam da vida desse sujeito.

Em contrapartida não devemos minimizar a capacidade do aluno em aprender por suas condições de acesso, mas reconhecemos que esse é um diferencial. A responsabilidade que atribuímos à escola, como um todo, não apenas ao professor, é de possibilitar o acesso às diferentes oportunidades que possibilitem o desenvolvimento da alfabetização.

Muitos profissionais tiveram uma formação inicial que não preparou ou não prepara para esse contexto. Esses fatores acabam por levar o professor a reproduzir práticas que não contribuem para a formação do sujeito reflexivo e transformador, que é idealizado na concepção de alfabetizar letrando.

Considerando a concepção dialógica da linguagem (COLELLO, 2014) no ensino formal da língua escrita, entendemos que repensar as práticas de ensino e se autoavaliar rompe com a ideia de sujeito passivo, aquele que aprende não somente com a língua, mas com a prática de ensino. Essa prática de ensino se faz na utilização de materiais diversos em um contexto de práticas interativas, a valorização da importância da relação entre professores e alunos e entre os próprios alunos como participantes do processo de ensino-aprendizagem, buscando sempre uma prática dialética de produção, compreensão e reflexão.

É necessário rever o papel do professor, suas práticas e a (re)construção da escola. A aprendizagem precisa ser entendida como um processo de reflexão, partindo de situações que são significativas e contextualizadas, para que o aluno possa interagir e participar, superando então a ideia tradicional de ensino, não somente para aquisição do conhecimento, mas para a formação do ser humano.

Reafirmamos que a responsabilidade de alfabetizar não se restringe apenas aos professores, mas a todos que estabelecem relações com o aprendiz, haja vista que não defendemos uma alfabetização restrita ao ambiente escolar, mas que permeia todos os espaços de convivência desse sujeito. Sendo assim devemos considerar os diferentes sujeitos envolvidos, os contextos, as práticas, os recursos, as condições emocionais, sociais e políticas que permeiam o processo de construção do conhecimento.

Para melhor analisar e discutir sobre o método Abacada, buscaremos distinguir os conceitos de alfabetização e letramento que são, algumas vezes, interpretados de maneira equivocada e, em certos momentos, utilizados como sinônimos. Percebe-se que parte das controvérsias acontecem devido à concepção

que cada sujeito tem a respeito desses termos. Diante disso, reafirmamos a importância de esclarecer o significado de cada conceito utilizado, a fim de evitar polarização de compreensão.

Ao longo do trabalho iremos considerar os demais conceitos que influenciam o processo de alfabetização, pois a compreensão teórica é fundamental, mas as condições materiais, estruturais, políticas e sociais, também são relevantes e estarão presentes nas discussões, assim como as interferências burocráticas.

## 1.2 Alfabetização e letramento: conceitos, especificidades e relações

O primeiro termo que buscamos esclarecer é a alfabetização, já que a concepção que se tem sobre esse conceitourá delinear toda a construção da prática docente nos anos iniciais. Os estudos sobre esse tema são, relativamente, bastante recentes. Segundo Soares (2016):

Trata-se de fenômeno recente: a alfabetização só foi assumida como tema legítimo e necessário de estudo e investigação científica, no Brasil, a partir dos anos 1960, como comprova a pesquisa de Soares e Maciel (2000). (SOARES, 2016, p. 30)

Percebe-se que a preocupação em estudar e buscar esclarecer as dúvidas que envolvem a alfabetização é atual, se comparado à história da escrita e à exigência social por essa aprendizagem efetiva. Essa realidade levou os pesquisadores a estudarem quais os fatores que estavam influenciando o fracasso escolar durante a alfabetização, que vem a ser uma etapa de suma importância, já que definirá todos os demais estágios de aprendizagem.

Rojo (2009) toma como base em seus estudos o conceito de alfabetização como sendo a “[...] ‘ação de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever’, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado.” (ROJO, 2009, p. 44). Nessa acepção, o conceito de alfabetização corresponde ao processo de apropriação do funcionamento do sistema alfabético-ortográfico de escrita que permite que a pessoa alfabetizada leia e escreva.

Soares (2020) define alfabetização como o processo de apropriação da tecnologia da escrita. Neste sentido, ela é vista como uma aprendizagem da (de)codificação dos códigos criados socialmente, mas que requer coordenação

motora, manipulação e organização. A autora assim se expressa sobre a alfabetização:

Conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas. (SOARES, 2020, p. 27)

Soares (2020) ressalta ainda que o processo de alfabetização requer mais que apenas conhecer as letras, exige habilidades no preparo motor, no segurar o lápis, na postura para realizar a escrita, na localização das linhas, é um processo complexo que vai além do ler e escrever. Mas também é entendida como a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Nessa mesma perspectiva, Morais e Albuquerque (2007) apresentam que não basta apenas conhecer a linguagem escrita, mas é necessário ter um conhecimento de suas representações e utilidades, compreendendo-a em sua totalidade. O ensino da língua não se restringe apenas ao conhecer e saber fazer, mas qual a intencionalidade de saber, qual a relação com o cotidiano e como essas aprendizagens se materializam na vida social.

Nesse sentido, de acordo com Colello (2014), para compreender a alfabetização em sua totalidade, devemos analisá-la sob os seus três sentidos: linguístico, pedagógico e social. Resumidamente, o sentido linguístico, em conformidade com Rojo (2009), está relacionado ao que é necessário aprender para ler e escrever, *o que* ensinamos. O sentido pedagógico refere-se ao *porquê* e *como* é o ensino da leitura e escrita. E o sentido social compreende o *para quê*, qual é o objetivo de ensinar a ler e escrever, refletindo sobre a configuração da língua escrita na escola e na sociedade e qual é o papel do professor nesse processo.

Para além dos três sentidos abordados por Colello, ao discutirem sobre a formação do professor alfabetizador, Cartaxo, Smaniotto e Fontana (2020) destacam a alfabetização como um processo complexo e multifacetado. Baseando-se em diferentes estudos realizados por Soares e Maciel desde a década de 1980, as autoras enfatizam a necessidade de se considerar, além das facetas linguística, pedagógica e social, as facetas psicológica, psicolinguística, sociolinguística, sociológica, sociocultural e política da alfabetização. Dessa forma, compreende-se que não há uma hierarquia entre os sentidos/facetetas, mas entende-se que

necessitam estar articulados para que a complexidade do processo de alfabetização seja contemplada. Pois, em sala de aula, não há como separar as concepções linguísticas, nem as diretrizes e as metas do ensino, o papel do professor e a estrutura da sala de aula, entre outros aspectos.

Maciel (2008) também ressalta a importância da alfabetização no processo de aprendizagem de forma geral, ressaltando-a como um instrumento para o acesso às informações, elaboração de novos conhecimentos e para uma participação na sociedade e na cultura. Diante disso, a partir do momento que um indivíduo tem acesso às informações e cria novos conhecimentos estes podem tornar-se um instrumento de transformação.

Considerando a relevância social do processo de alfabetização é necessário considerarmos as contribuições de Freire (1991) e Soares (2006). Freire (1991, p.18) já dizia: “Não basta saber ler ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Por conseguinte, não é somente saber ler, dominar a escrita, é necessário refletir sobre, tendo uma leitura crítica das relações sociais e econômicas que estão presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, Paulo Freire destaca em *A Importância do ato de ler*, que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, sendo o primeiro a defender a alfabetização como uma leitura de mundo, porque quanto mais se “codifica” a realidade desse indivíduo, mais ele aprende.

Soares (2006) reforça que o discente/aprendiz para viver em um mundo letrado, de diversos conhecimentos, precisa do “domínio da tecnologia de escrita”, que é adquirida no processo de alfabetização, e também o “domínio de competências de uso dessas tecnologias”, ou seja, ler e escrever em diferentes situações e contextos, práticas sociais adquiridas no processo de letramento.

Reiteramos que o processo de alfabetização é multifacetado e complexo e que assumir apenas uma de suas facetas é insuficiente para descrever todo o processo de aquisição, assimilação, reflexão e transformação da leitura e escrita. Requer-se a compreensão da leitura e da escrita, para além da decodificação e codificação, a fim de que haja significado e compreensão das diferentes funções que essas práticas podem ter.

Considerando-se as práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, surge o conceito de letramento, que diz respeito a um contexto mais amplo. Ele não se limita à aprendizagem das letras e símbolos escritos, mas à função social que a linguagem escrita ocupa em uma sociedade. Soares (2020) define letramento como:

Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos. (SOARES, 2020, p. 27)

O letramento atribui significado aos usos da leitura e da escrita em práticas sociais diversas. Minimizada, a alfabetização era vista como aprender a codificar e a decodificar. Com o advento do termo e conceito de letramento na década de 80, no Brasil, saber ler e escrever são importantes porque atendem a demandas sociais e comunicativas cotidianas. Dessa forma, essa concepção ressignifica o processo de ensino e aprendizagem da escrita.

De acordo com Soares (2004), alfabetização e letramento são processos distintos, de natureza essencialmente diferentes, pois uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada ou ser letrada e não ser alfabetizada. Entretanto, são interdependentes e indissociáveis, no sentido de que as práticas de alfabetização necessitam, para serem significativas, acontecer numa perspectiva de letramento. E para prosseguir e avançar num processo contínuo de letramento é necessário que o sujeito se alfabetize.

Além disso, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos podem ser vistos como simultâneos, entendendo que no conceito de alfabetização estaria compreendido o de letramento e vice-versa. Dessa forma, alfabetizar torna-se prática inseparável de letrar. Morais e Albuquerque afirmam:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis, do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 47)

O ensino da leitura e da escrita passa a ser construído de maneira simultânea e condizente com o cotidiano. Esse conhecimento não fica restrito ao

ambiente escolar, mas transpõem os muros da escola, na tentativa de reduzir a lacuna existente entre os saberes escolares e os saberes cotidianos.

A partir da compreensão desses conceitos, ressaltamos o entendimento de que eles são interdependentes para que haja um processo significativo de aprender a ler e escrever. O processo de alfabetização se torna mais completo, sendo a alfabetização não apenas decodificação (leitura) e codificação (escrita), mas aliando-se ao letramento como processo sociocognitivo distinto que requer interação.

Dessa forma, a alfabetização passa a ocorrer em conjunção ao letramento, pois a criança aprende a ler e escrever quando se envolve em atividades de letramento e associação com a realidade que vive e observa. “Como a articulação entre a aquisição do sistema (alfabetizar) e a conquista do estado ou condição de quem se torna usuário da língua (letramento)” (COLELLO, 2014, p. 176 apud SOARES, 1998).

Esse é o objetivo do ensino da escrita. Mas é necessário refletir sobre como se ensina e se aprende para que, ao final do processo, o aluno não apenas saiba ler, escrever e falar, mas que saiba usufruir das vantagens de saber e utilizar a língua aprendida nas práticas sociais e cidadãs.

### 1.3 Alfabetização no Brasil: aspectos históricos e pedagógicos dos métodos

A alfabetização no Brasil, segundo Mortatti (2006), passa por 4 momentos. Compreender essa história, como ocorreu a construção e a finalização de cada período, auxilia na compreensão atual do processo de alfabetização nas escolas e suas implicações. O quadro 1 apresenta a síntese desse processo histórico conforme apresentado por Mortatti (2006).

Em cada um dos momentos nota-se a influência do contexto sócio-histórico no modo de compreender a alfabetização. Fica evidente a mudança no modo de ensinar em cada período, mesmo assim há permanências e semelhanças que ultrapassam esses momentos. Consta-se também que outras áreas como a psicologia e a didática passaram a discutir o tema e a impactar no processo de alfabetização.

QUADRO 1: História dos métodos de alfabetização

	<b>1° MOMENTO: A metodização do ensino da leitura</b>	<b>2° MOMENTO: A institucionalização do método analítico</b>	<b>3° MOMENTO: A alfabetização sob medida</b>	<b>4° MOMENTO: Alfabetização: construtivismo e desmetodização</b>
<b>Data</b>	Final do império.	1890-1920.	1920-1970	1980 em diante
<b>Estrutura e Materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Salas adaptadas, prédios inapropriados.</li> <li>- Materiais para leitura precários.</li> </ul>			
<b>Organização das séries</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Multisseriadas (Todas as séries).</li> <li>- Aulas Régias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1896 - Jardim de infância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Método de ensino subordinado ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas.</li> </ul>	
<b>Leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciava com as cartas do ABC.</li> <li>- Leitura e cópia de documentos manuscritos.</li> <li>- Marcha sintética (Da parte para o todo).</li> <li>- Soletração/ alfabético (letras e seus nomes).</li> <li>- Método fônico (sons).</li> <li>- Método de silabação (Famílias silábicas).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciado pelo todo.</li> <li>- Defesa do método analítico em São Paulo. (Palavra, sentença e historieta).</li> <li>- Lentidão de resultados</li> <li>- Disputas entre profs. fluminenses e profs. paulistas (Método sintético X método analítico).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resistência ao método analítico.</li> <li>- Busca conciliar os dois métodos (Maior agilidade e eficiência).</li> <li>- Métodos mistos.</li> <li>- O ensino da leitura e escrita, simultaneamente, entendidas como habilidades visuais, auditivas e motoras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pensamento construtivista sobre a alfabetização.</li> <li>- Deslocamento do método de ensino para o processo de aprendizagem.</li> <li>- Disputas entre os métodos tradicionais e construtivistas.</li> </ul>

## Continuação

				- Desmetodização (ênfase em quem aprende, aprendizagem independente do ensino)
<b>Escrita</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caligrafia.</li> <li>- Ortografia.</li> <li>- Cópia.</li> <li>- Ditados.</li> <li>- Formação de frases.</li> <li>- Desenho correto das letras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caligrafia.</li> <li>- Tipo de letra.</li> <li>- Treino.</li> <li>- Cópia.</li> <li>- Ditado.</li> <li>- 1910 surge o termo alfabetização para referir-se ao ensino inicial da leitura e da escrita.</li> </ul>	- Caligrafia e ortografia.	- Linguagem enquanto lugar de interlocução de pessoas, texto como unidade de sentido, objeto de leitura e escrita e conteúdo de ensino.
<b>Cartilhas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Séc. XIX - primeiras cartilhas</li> <li>- Profs. fluminenses.</li> <li>- Baseado no método de marcha sintética.</li> <li>- Como ensinar metodicamente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Séc. XX - marcha analítica.</li> <li>- Palavração e sentencição.</li> <li>- Cartilha João de Deus: Método palavração - ensino da leitura começa pela palavra.</li> <li>- Disputa de métodos em 1890.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro teste ABC - verificação da maturidade.</li> <li>- Cartilhas de métodos mistos.</li> <li>- Período preparatório.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Surgimento das cartilhas construtivistas, mas há permanência das cartilhas tradicionais.</li> <li>- Questionamento das necessidades das cartilhas.</li> </ul>
<b>Didática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ordem crescente de dificuldade nas atividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e escrita tratada como uma questão de ordem didática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questões didáticas subordinadas à ordem psicológica.</li> <li>- Instrumentos de ensino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pensamento interacionista</li> <li>- Letramento como complementar a alfabetização.</li> </ul>

Fonte: As autoras (a partir de Mortatti (2006))

Na história dos métodos de alfabetização no Brasil é possível observar uma grande preocupação em superar algo “velho, tradicional”, desqualificando o momento anterior, para trazer a necessidade de criar um novo método. As mudanças em cada período são evidentes, mas não se reflete sobre a significação desse ensino, a preocupação se desloca entre os métodos sintéticos e analíticos e as suas cartilhas. É bastante notória a preocupação com o *como* ensinar, sem a reflexão sobre o *para que* ensinar.

O termo alfabetização para se designar o ensino da leitura e da escrita só foi utilizado a partir do segundo momento, por volta de 1910. Mesmo com um termo específico para designar a necessidade de ensinar e aprender a ler e a escrever, percebemos que há dificuldade em encontrar os caminhos que efetivem essa alfabetização. Esses embates históricos entre os métodos se mantêm até a atualidade, com o foco na codificação e na decodificação da escrita, e não em sua análise e reflexão como deveria acontecer na alfabetização na perspectiva do letramento. Para prosseguirmos com a reflexão sobre os aspectos pedagógicos relacionados à alfabetização, apresentamos com mais detalhes os métodos tradicionais.

### 1.3.1 Métodos sintéticos

É de extrema importância conhecer e compreender os métodos, para que seu uso seja realizado de forma consciente e planejada. Pensando nisso, buscamos diferenciar os principais métodos que são discutidos historicamente, a fim de auxiliar no seu uso consciente. Carvalho (2009) destaca a discussão histórica envolvendo os métodos e apresenta brevemente a característica central dos métodos sintéticos e analíticos.

Durante décadas, discutiu-se que métodos seriam mais eficientes: se os *sintéticos* (que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra), ou os *analíticos*, também chamados *globais* (que tem como ponto de partida unidades maiores da língua, como o conto a oração ou a frase). (CARVALHO, 2009, p. 18)

Podemos perceber, que o método sintético tem maior preocupação com as unidades menores da palavra: sílaba, letra e sua relação com o som. Baseado em recursos visuais e auditivos, preconizam a repetição, cópia e memorização. Para

Barbosa (2013, p. 54) “As instruções procedem do simples para o complexo, racionalmente estabelecidos: num processo cumulativo, a criança aprende as letras, depois as sílabas, as palavras, frases e, finalmente, o texto completo”.

Há uma sequência de procedimentos e o avanço no processo não acontece sem sanar as dificuldades, de modo que haja domínio desses procedimentos. Em relação aos procedimentos do método sintético, Barbosa (2013) destaca:

Em seus primórdios, o chamado método sintético seguia os seguintes procedimentos: o aprendiz deveria dominar o alfabeto, nomeando cada uma das letras, independente do seu valor fonético e de sua grafia. O aprendiz aprendia repetindo em coro, soletrando. Após esse período, era apresentada a grafia das letras do alfabeto e, numa primeira síntese, apresentam-se as sílabas, sistematicamente e em ordem. Em seguida, eram introduzidas as palavras mais simples (monossílabas) e depois, as mais longas, consideradas de pronúncia mais difícil. (BARBOSA, 2013, p. 54)

Segundo Carvalho (2009) a utilização da cartilha de ABC é característica do método sintético, conforme o 1º momento da história da alfabetização (vide quadro 1). Não há grandes exigências do ponto de vista social, principalmente, no que se refere à leitura. Não são abordadas práticas de letramento. Por isso, as matrizes metodológicas são a soletração, a silabação e os métodos fônicos.

O método alfabético, parte da letra para a sílaba e, em seguida, para a palavra. Tem como característica a memorização do alfabeto. A soletração é vista como estratégia para a aprendizagem da leitura e tem como objetivo o ensino da combinação de letras e sons (CARVALHO, 2009, p. 22). Cabe ao aluno compreender que as letras ao serem combinadas formam sílabas, com sons próprios e característicos de cada combinação, que ao se juntar com outras unidades sonoras formam palavras que possuem significados.

Nem sempre esse sistema é compreendido, há alunos que reconhecem as letras, mas não conseguem fazer suas junções. Decoram o nome da letra, sua representação visual e seu som, mas não conseguem utilizá-la na formação de palavras e frases com significado. Evidencia-se a dissociação entre alfabetização e letramento, já que não há uma formação completa e nem com qualidade.

Se lembrarmos como ocorreu nosso processo de alfabetização, podemos recordar os exercícios de silabação, como a repetição do “BA- BE- BI- BO- BU” e demais famílias silábicas. Não é difícil encontrarmos ainda hoje nas salas de aulas esse tipo de atividade. A silabação possui o mesmo mecanismo que a soletração,

há mais preocupação em repetir e memorizar do que com a compreensão do sistema de escrita como um sistema de notação da fala. Não há motivação, é uma atividade mecânica, sem atrativos e desvinculada do contexto.

Na silabação, a leitura se encontra em segundo plano, sendo posterior à aprendizagem da decodificação. Além disso, é comum encontrarmos em certas apostilas as “sílabas complexas” separadas das demais, pois, primeiro, se aprendem as sílabas simples e depois as sílabas complexas e/ou dificuldades ortográficas.

O método fônico, que se encontra como uma matriz dos métodos sintéticos, é caracterizado pela atenção à dimensão sonora da língua. As palavras além de serem compostas por significados são formadas por unidades sonoras menores definidas como fonemas. Carvalho (2009, p. 24) assim os define: “Os fonemas são unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto.”

O método denominado “Método da abelhinha” é um método fônico. Ele apresenta diversas histórias e os personagens estão associados às letras e seus sons, há associação entre três elementos: forma da letra, personagem e som da letra/fonema.

Há também o método “A casinha feliz”. Nele conta-se uma história de cinco amigos, que são as vogais, que ao encostar nas consoantes geram diferentes sons. São utilizados diversos recursos lúdicos como fantoches.

Ambos os métodos são fônicos e foram criados com o intuito de evitar a soletração e silabação. Foram avaliados com resultados positivos, sendo, mais tarde, incorporados às cartilhas.

Percebemos que alguns desses métodos utilizam diferentes recursos a fim de motivar e cativar a atenção dos alunos. Há associação constante do visual e do auditivo. Uma grande preocupação é que se ensine o som da sílaba apenas no início da palavra, sem considerar que a língua portuguesa exige uma maior complexidade, pois há sílabas que mudam de som em decorrência da posição que ocupam na palavra. Essas sílabas com maior grau de complexidade também precisam ser ensinadas.

Não devemos nos limitar ao conhecimento raso das letras, sílabas e palavras, é fundamental apresentar as diversas dimensões: sonora, visual e de sentido. Carvalho (2009, p. 31) ressalta: “[...] a aprendizagem da leitura e da escrita

é bastante complexa e exige habilidades outras que reconhecer os fonemas e saber as correspondências entre letras e sons [...]”. Reconhecemos a importância da consciência fonológica como habilidades metalinguísticas, em diferentes níveis (rimas, aliterações, sílabas, fonemas), que contribuem para a compreensão do sistema fonográfico do português, mas não deve ser a única faceta priorizada.

A perpetuação ou criação de um método está diretamente relacionado ao contexto e à necessidade social desse período. Cada nova configuração histórica exige um novo tipo de pessoa letrada (BARBOSA, 2013). Com a influência da psicologia genética o método analítico ganha espaço e o sintético é duramente criticado por seu caráter mecânico, artificial e não funcional, ou seja, não acompanha a necessidade desse novo período.

### 1.3.2 Métodos analíticos

Um grande marco, além da influência da psicologia, que impulsionou a defesa em relação aos métodos analíticos, foi a escola nova. Esse movimento valorizava o gosto pela leitura e o referido método tinha como pressuposto a importância de partir da totalidade. Dessa forma, parte dos textos para unidades menores da língua. Segundo Carvalho (2009, p. 33) “O processo envolve análise das partes maiores (o texto, as frases para chegar às partes menores (palavras, sílabas), por isso o método global é também chamado de analítico”. Também Mortatti (2006) defende que o ensino da leitura inicia-se pelo todo para depois partir para análise de suas partes constitutivas.

A fim de compreender melhor as raízes desse método, recorremos a Carvalho (2009), que assim se expressa:

A fundamentação teórica desses métodos é a psicologia da Gestalt ou psicologia da forma: a crença segundo a qual a criança tem um visão sincrética (ou globalizada) da realidade, ou seja, tende a perceber o todo, o conjunto, antes de captar os detalhes. (CARVALHO, 2009, p. 32)

Acredita-se que o processo de alfabetização deveria iniciar-se por unidades mais amplas (textos e frases) e prosseguir de forma decrescente até chegar às unidades menores (letras e sons), sob justificativa de que a criança possui esse olhar amplo e, no decorrer do processo, estabelece relações da totalidade com as

partes menores. Tendo como base a percepção inicial do todo, as matrizes analíticas são a palavração, a sentencição e o método de contos.

A palavração inicia-se com o ensino de palavras-chave destacadas de um texto ou frases. Decompõem-se essas palavras em sílabas e formam-se outros vocábulos (palavras). É possível propor atividades diferenciadas que enriquecem a compreensão e auxiliam na construção de novas palavras e, em seguida, sentenças.

O processo de memorização das frases, identificação de palavras nas sentenças decoradas, decomposição das palavras em sílabas, formação de novas palavras visando a criação de novas sentenças pode ser definido como método da sentencição.

O método de contos é o método global mais antigo, segundo Carvalho (2009). Tem como objetivo explorar o prazer em ouvir histórias, relacioná-las com o ensino da leitura e da escrita, na tentativa de aproximar-se das vivências e experiências das crianças. Não utiliza as cartilhas, já que elas tendem a ser mecânicas e desvinculadas da realidade do aprendiz.

Havia críticas a respeito da falta de materiais padronizados que auxiliassem o docente nesse processo, pois se afirmava, por parte dos professores, ter grande dificuldade em produzir novos textos e preparar materiais didáticos. Acreditava-se que os professores não estavam preparados para a utilização dessa nova proposta. Houve uma grande resistência em aceitar a adoção dos métodos analíticos, mesmo a influência da escola nova não foi suficiente para a implantação desse método. Sendo assim, optou-se por delegar ao professor a autonomia para a escolha do método que considerasse mais adequado.

Outro método global de bastante prestígio e reconhecimento é o desenvolvido por OvideDecroly, nomeado ideovisual. Nele propõe-se o ensino a partir dos centros de interesses dos alunos, os conteúdos deveriam ser ensinados a partir desses campos, desenvolvendo projetos temáticos que contribuíssem significativamente para a assimilação de conteúdo. Nas palavras de Carvalho (2009):

Decroly propôs que o ensino se desenvolvesse por centros de interesses, e não por matérias isoladas, como se fazia nas escolas tradicionais. Os conteúdos de língua materna, matemática, história, geografia, ciências, etc. deveriam ser organizados a partir e em torno de um tema de interesse

infantil. Em princípio, o programa escolar deveria incluir conhecimentos imediatamente ligados à criança: suas necessidades básicas (de alimento, abrigo, proteção e ação) no meio em que vive. O estudo do meio incluía as relações entre a criança e a família, a escola, as plantas, os animais, o sol, a lua e as estrelas, a terra (água, ar e minerais). (CARVALHO, 2009, p. 35)

Durante esse processo, a partir do seu campo de interesse, segundo o idealizador, a criança passa por três estágios de pensamento: a observação, a associação e a expressão. Decroly compreendia que a leitura era indissociável desses três estágios.

O método natural de Célestin Freinet tinha o texto como unidade básica para o ensino da língua, sua escolha se dava devido aos estudos de Decroly. Era um grande crítico ao uso das cartilhas, buscava estimular a escrita de textos livres, acreditava que as leituras e produções textuais das crianças partiriam das suas realidades.

Freinet acreditava que a inteligência, o gesto, a sensibilidade desenvolve-se através da livre expressão, do trabalho manual, da experimentação. Sua pedagogia consiste em estimular a reflexão, a criatividade, o trabalho, a cooperação e a solidariedade. (CARVALHO, 2009, p. 37)

O método natural se baseava no pressuposto de que as crianças aprenderiam mediante contato, logo aprende-se a ler com o contato e desenvolvimento de práticas de leitura. Da mesma forma aconteceria com a escrita, ou seja, era natural. Essas práticas deveriam acontecer em consonância com acontecimentos cotidianos.

Esses dois métodos, ideovisual e natural, exemplificam os métodos de contos, pois ambos partem das unidades maiores para as unidades menores. O que os diferencia é que o primeiro utiliza-se de frases como unidades maiores e foi utilizado com crianças com deficiência visual, porém, depois foi adaptado para o uso com demais alunos. O segundo parte da utilização do texto como unidade maior.

### 1.3.3 Métodos mistos

Há uma diferença bastante evidente entre ambos os métodos já mencionados, considerados como tradicionais, no como iniciar o processo de alfabetização. No meio dessa “rivalidade”, surgem outros métodos que têm como

objetivo romper com essa disputa e criar um método capaz de juntar ambas as concepções. São as variações que surgem em torno dos métodos tradicionais (sintéticos e analíticos), definidos como métodos analítico-sintéticos, ecléticos ou mistos.

São os chamados métodos analítico-sintéticos, que tentam combinar aspectos de ambas as abordagens teóricas, ou seja, enfatizar a compreensão do texto desde a alfabetização inicial, como é próprio dos métodos analíticos ou globais, e paralelamente identificar os fonemas e explicar sistematicamente as relações entre letras e sons, como ocorre nos métodos fônicos. (CARVALHO, 2009, p. 18)

Esses métodos buscam a compreensão do texto desde a alfabetização inicial: “os textos são úteis para focar as duas facetas da aprendizagem: a alfabetização e o letramento.” (CARVALHO, 2009, p. 49). Não podemos deixar o texto em segundo plano, para utilizá-lo com o aluno já alfabetizado, mas o texto precisa ser inserido desde o início do processo como ferramenta que auxilia na alfabetização.

As cartilhas foram importantes instrumentos de divulgação dos métodos tradicionais e de efetivação das concepções de alfabetização subjacentes a esses métodos. Surgem com o intuito de auxiliar no processo de alfabetização, porém constata-se ao longo da história, que sua utilização não alcançou os resultados idealizados. Cagliari (1998) afirma:

Pode-se dizer que a experiência escolar da alfabetização com cartilhas foi desastrosa. Os dados estatísticos mostram que a escola não consegue alfabetizar mais de cinquenta por cento de seus alunos. A repetência e a evasão escolar foram sempre um monstruoso fantasma para as crianças, pais e professores. (CAGLIARI, 1998, p. 27)

É evidente que as (supostamente, superadas) cartilhas por si só não possibilitam a aprendizagem efetiva. Elas e os livros didáticos de alfabetização atuais devem ser vistos como um dos recursos que o docente pode utilizar, mas não os únicos e incontestáveis “manuais” de ensino.

Entretanto, ainda hoje, há muitos resquícios da história conturbada e conflituosa que envolve a alfabetização e o uso das cartilhas e seus métodos. Cagliari (1998) há mais de duas décadas já havia percebido esse movimento de repetição involuntária dos equívocos históricos:

Apesar de todas as interferências recentes no processo de alfabetização, a prática escolar mais comum em nossas escolas ainda se apoia na cartilha tradicional (a cada ano com nova roupa e maquiagem). Quando o professor diz que não adota a cartilha, continua usando o método da cartilha, fazendo ele próprio o que antes vinha nos livros didáticos. (CAGLIARI, 1998, p. 31)

Outra consideração importante a se fazer é sobre os manuais do professor que acompanham os livros didáticos. Apesar dos objetivos positivos, esse recurso pode se tornar mais um alienador da prática, tolhendo a autonomia do docente, que, muitas vezes, não busca compreender o que ensina, apenas reproduz as respostas e atividades presentes nesse manual.

Desse modo, como afirma Soares (2016), o método é apenas mais uma questão, pois o que determina o fracasso ou sucesso do processo de ensinar e aprender a leitura e a escrita é a formação dos professores alfabetizadores. Delegar a esses instrumentos as responsabilidades dos resultados negativos na alfabetização é um grande equívoco, que, infelizmente, está presente nas salas de aula.

O conceito de métodos se encontra interligado ao conceito de alfabetização, já que os métodos de alfabetização vêm a ser os procedimentos que permeiam a aprendizagem do ler e escrever. Soares (2016) ressalta que:

[...] se entende por método de alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é o que comumente se denomina alfabetização. (SOARES, 2016, p. 16)

Os métodos são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem, pois eles ajudam a organizar e sistematizar a construção do conhecimento, são como caminhos que o professor deve percorrer até seu objetivo. Mas o grande problema é que em muitos casos ele se torna o centro de todo o processo de ensino, o que torna o ensino desvinculado da realidade e focado apenas no como ensinar. Por isso, Soares explica o que significa considerar o “método como uma questão”:

Métodos de alfabetização tem sido sempre uma questão porque derivam de concepções diferentes sobre o objeto da alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita. (SOARES, 2016, p. 25)

Em consonância com as discussões que buscamos tecer nessa seção, em relação a não limitação do fracasso e sucesso escolar ao método, Frade (2003)

corroborar: "Não são apenas os métodos que definem o aprendizado e não é uma única estratégia metodológica que vale para todos." (FRADE, 2003, p. 18).

Soares (2016) sugere a utilização da expressão e concepção *alfabetizar com método*, que denota que cabe ao professor ter conhecimentos de diferentes áreas a fim de:

Orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética. (SOARES, 2016, p. 331)

Ressaltamos que não é errado utilizar um método, mas é importante ter cautela ao utilizar, fazer o uso com intencionalidade, para que esse não exclua uma ou outra esfera da língua, mas que contemple o ensino de forma ampla, valorizando todos os pontos que compõem esse ensino e conduza o aluno a desenvolver estratégias e pontos de vista críticos sobre o que aprende e observa.

Quando falamos de método, nos referimos ao como ensinar, aos caminhos e ações que ajudarão a alcançar os objetivos propostos. A palavra método por si só apresenta o significado de caminho para chegar a um fim.

Há uma visão bastante equivocada em relação aos métodos considerados como tradicionais (sintéticos e analíticos), como se ambos tivessem finalizado todos seus recursos metodológicos, ou estivessem limitados ao uso de apostilas, como aplicação rotineira de procedimentos e técnicas (SOARES, 2010).

Na década de 80, se questiona a utilização do termo "método", sugere-se a utilização da terminologia "proposta didática". Ferreiro (1990) diferencia esses dois conceitos. Segundo o autor, o método está centrado no processo que o professor deve seguir, enquanto "proposta didática" centraliza-se no processo que a criança realiza. Para Soares (2010), se atribui ao método o conceito estereotipado que esse termo adquiriu, isto é, método de alfabetização identificado com os tipos tradicionais de métodos. É importante ressaltar que as metodologias são as ações escolhidas pelo professor, associadas às suas concepções sobre ensinar e aprender e como ocorre a construção do conhecimento, assim como seu posicionamento frente à alfabetização e letramento. Levando estas questões em consideração não será apenas uma substituição de termos, mas uma radical mudança conceitual.

Segundo Cagliari (1998, p. 36) “A questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso é preciso ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar”. Buscamos um método que englobe as diversas perspectivas (entre elas, a psicológica e a linguística, a social e política), que sejam procedimentos compatíveis com os objetivos. Soares (2010) alertava que sem clareza em relação às metodologias, estamos arriscando ampliar o fracasso escolar.

Para sintetizar esse capítulo defendemos que a alfabetização não ocorre tão somente com a materialização do/s método/s, mas mediante a compreensão e ações daquele que alfabetiza. A promoção de atividades que mobilizem a reflexão e construção de compreensões sobre os usos da língua escrita no mundo e a consideração das diferentes facetas e sentidos da alfabetização e dos letramentos.

A formação continuada e a pesquisa são estratégias capazes de mostrar ao professor diferentes possibilidades para buscar novas formas de construir o conhecimento sem reproduzir atividades e estratégias descontextualizadas e sem significado.

## CAPÍTULO 2 APRENDIZAGEM: APONTAMENTOS, COMPREENSÕES E DIFICULDADES

Neste capítulo, discutimos sobre o conceito de “aprendizagem” e os aspectos que influenciam em seu processo. Iremos observar e analisar os multifatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem. Para tanto, buscamos diferenciar *dificuldades de aprendizagem* e *transtornos de aprendizagem*, descrevendo, em especial os transtornos que afetam o aprendizado da leitura e da escrita.

### 2.1 A aprendizagem e seus desafios

A aprendizagem pode ser vista como mudanças que ocorrem no cérebro, novos caminhos, nova cadeia de conexões, estabelecimentos de sinapse, aquisição de um novo signo, etc. Pode ser modificada e influenciada por fatores intrínsecos e externos ao sujeito.

Para discutir sobre as dificuldades de aprendizagem, é essencial refletir inicialmente sobre a aprendizagem em si. Entender o conceito de aprendizagem não é simples, requer contribuição de diferentes áreas do conhecimento. Essa articulação se torna evidente nas palavras de Dabas (1998):

Aprendizagem é o processo pelo qual um sujeito, em sua interação com o meio, incorpora a informação oferecida por este, segundo suas necessidades e interesses e elabora esta informação através de sua estrutura psíquica construída pelo interjogo do social, da dinâmica do inconsciente e da dinâmica cognitiva, modificando sua conduta para aceitar novas propostas e realizar transformações inéditas no âmbito que o rodeia. (DABAS, 1998 p. 23)

Nas palavras de Dabas (1998), percebemos que o autor inicia referindo-se à aprendizagem como um processo, não como um momento isolado, mas um processo constante e inacabado. Ele ressalta ainda a interação, seja com o meio ou com outros sujeitos, e como ela modifica o sujeito, agregando valores e saberes positivos e negativos. Como consequência dessa mudança psíquica, cognitiva e social, o sujeito desenvolve transformações no meio em que está inserido.

Do ponto de vista de Tuleski (2016), a aprendizagem é a aquisição e internalização de um novo signo (informação/conhecimento). Essa nova

internalização ocorre mediante relações com signos já internalizados, e quanto maior a ligação com esses outros signos, mais facilmente ocorre a aquisição desse conhecimento. Por isso, defendemos, constantemente, relacionar novos conteúdos com saberes e situações que os alunos já conhecem.

Bossa (2014) define aprendizagem como sendo o modo com que os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam comportamentos. O olhar é fragmentado e determinado pela concepção de sociedade e homem, além dos saberes de cada época. Ou seja, a forma como compreendemos o mundo e nosso papel como sujeito determina a posição diante das aprendizagens.

Podemos dizer que o que possibilita a sobrevivência humana é a capacidade do sujeito em aprender constantemente para suprir as necessidades, pois sem essa aprendizagem não haveria modificação. Cada novo momento exige um novo saber, que é adquirido a partir de um conhecimento já internalizado e de uma situação desafiadora.

Bossa (2014) ressalta ainda, que aprender é desenvolver habilidades para lidar com a realidade externa, requer nossa condição humana e nos torna humanos, envolve participação integral do sujeito: corpo, cognitivo, biológico, afetivo e emocional. Estudar a aprendizagem requer compreender o ser humano na sua integridade.

É importante lembrarmos que a aprendizagem não é um conceito limitado ao ambiente escolar, mas tudo o que sabemos foi aprendido. Segundo Silva (2003), aprendemos a comer, andar, falar, a reconhecer nosso papel na sociedade enquanto sujeitos, etc. Porém, a escola se torna o ambiente formal de aprendizagem dos saberes construídos historicamente e acumulados pela sociedade.

O profissional docente, diariamente em sala de aula, encontra diversos desafios, todavia, segundo Cosenza e Guerra (2011) a tarefa mais difícil é lidar com as dificuldades de aprendizagem. Há diversas situações que devem ser observadas pelo docente, pois a dificuldade de um aluno pode impactar em todo o processo educativo. Sant'anna (2009) corrobora:

Diante de tantas transformações advindas do processo de globalização, em que o quadro educacional brasileiro aparece como um "caleidoscópio", as dificuldades e dilemas educacionais e as contradições pedagógicas

tornaram-se conflitantes, gerando ansiedade, repetições e pseudosoluções. (SANT'ANNA, 2009, p. 15)

Acreditamos, em anuência a Farias e Graciano (2019) que o maior desafio, encontrado pelos docentes, esteja no rompimento dos estereótipos em relação às dificuldades e aceitação das individualidades. Os autores indicam o caminho para a superação dessa visão:

O principal desafio nesse campo, entretanto, diz respeito ao rompimento de estereótipos e rótulos que ainda são enfrentados por aqueles que não se enquadram no padrão de normalidade estabelecido histórica e culturalmente. Para a superação do preconceito, é preciso investimento em propostas educativas que não reforcem as dificuldades do sujeito, e sim suas potencialidades, por meio da aquisição dos conteúdos científicos que a escola tem a responsabilidade de ensinar, tornando possível a educação para todos. (FARIAS; GRACIANO, 2019, p.17)

Logo, torna-se papel primordial da escola, como unidade formal de ensino, e da comunidade escolar promover a aprendizagem, respeitando as singularidades de cada sujeito que compõem o ambiente escolar. Nas palavras de Farias e Graciano (2019, p. 18) “[...] a educação é vista como um investimento, sendo função da escola e de seus profissionais apoiar o desenvolvimento dos alunos, considerando a individualidade e a diversidade deles [...]”. Portanto, é necessário uma consciente participação de todos os envolvidos para a efetivação da educação.

As situações envolvendo as dificuldades de aprendizagem estão cada vez mais presentes nas reclamações dos docentes, que são culpabilizados pelo desempenho escolar dos alunos, gerando insatisfação dos pais e dos governos que buscam resultados. Disso resulta uma relação conflituosa entre sociedade e escola.

Dentre as situações vivenciadas em sala, Cosenza e Guerra (2011) abordam casos em que o aluno não para sentado, levanta toda hora, não presta atenção na aula, faz provocações, etc. Mesmo nessas situações, em que o aluno não apresenta qualquer distúrbio ou transtorno, devem ser observados todos os casos, por menores que sejam. Os autores ainda ressaltam:

Também estão na escola crianças e adolescentes com limitações relacionadas a deficiências sensoriais, como visual e auditiva, ou com desarranjos ou diferenças no comportamento social, cognitivo ou motor, cuja evolução no processo de aprendizagem é bastante distinto dos demais estudantes. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 129)

A raiz dessas dificuldades de aprendizagem podem ser tanto por questões sociais, emocionais, biológicas ou neurológicas. Os casos se manifestam de maneiras distintas, assim como suas causas. Conforme Rosa (2019, p. 137) “O conceito de dificuldade de aprendizagem ainda é difícil de ser delimitado, pois pode confundir com sintomas e comportamentos relativos a outros diagnósticos.” Sendo assim, é necessário investigar desde os mais simples dos casos.

Desse modo, se faz tão essencial o papel do professor, já que em muitos casos é esse profissional quem observa os primeiros indícios das dificuldades, reporta aos pais e orienta sobre quais outros profissionais buscar e como intervir. Essas necessidades requerem o trabalho coletivo entre pais, escola e demais profissionais. Entretanto, em muitos casos, a responsabilidade da dificuldade escolar recai sobre o professor e, principalmente, sobre o aluno.

Em relação ao fracasso escolar, Weiss (2002) defende que deve ser analisado de diferentes perspectivas, de modo que o aluno não seja considerado o único responsável. Mas, compreendamos que as concepções culturais, econômicas, crenças e valores interferem no processo de aprendizagem se considerarmos a perspectiva da sociedade.

No que diz respeito à perspectiva da escola, a infraestrutura, os materiais e a formação dos profissionais, também influenciam nesse processo, além da perspectiva do aluno que precisa estar motivado para aprender.

Na próxima seção, discutimos sobre as dificuldades de aprendizagem, em especial, aquelas relacionadas ao aprendizado da leitura e da escrita.

## 2.2 Dificuldades de aprendizagem: causas extrínsecas e/ou intrínsecas<sup>1</sup>

Quando se fala em dificuldades de aprendizagem, é mais comum que ela seja percebida no período da alfabetização pelo professor que observa um atraso na aquisição do conteúdo, seja por motivo de mudança de hábito, rotina, entre outros, e pode ser momentânea ou não. Cancian e Malacarne salientam a necessidade de o professor diferenciar *transtornos de aprendizagem* de *dificuldades*

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que ao nos referirmos às dificuldades de aprendizagem, no presente trabalho, estamos nos referindo a dois conceitos: aqueles que englobam as dificuldades oriundas de causas extrínsecas e as de origem internas, pois são utilizados dessa forma em alguns dos documentos analisados e nas entrevistas realizadas.

*de aprendizagem* e depois de identificar o distúrbio pedir auxílio para um especialista.

Lembramos que dificuldade de aprendizagem não é o mesmo que transtorno de aprendizagem, o que causa certa confusão na hora de identificar o problema na criança. Pais e professores não são especialistas em distúrbios, mas ao identificar tais dificuldades de aprendizagem na criança os mesmos devem buscar o auxílio de um especialista, para que essa criança possa receber o tratamento adequado de acordo com a especificidade de cada distúrbio. (CANCIAN; MALACARNE, 2019, p. 2)

O termo dificuldade de aprendizagem é comum para descrever a defasagem de aprendizagem, da escrita ou de mais competências, mas sem uma causa clara, pode estar relacionada diretamente com problemas de ordem pedagógica, sociocultural e emocional. Já os transtornos de aprendizagem dizem respeito a problemas sensoriais, intelectuais, relacionados a distúrbios de ordem interna ou externa do indivíduo que dificultam o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Cancian e Malacarne (2019):

Os transtornos de aprendizagem são caracterizados pela dificuldade de leitura, escrita ou cálculos de forma isolada ou associada. As dificuldades são ocasionadas por problemas de ordem neurológica, entre os distúrbios de aprendizagem podemos citar a dislexia como sendo um dos distúrbios mais diagnosticados por especialistas. (CANCIAN; MALACARNE, 2019, p. 2)

Ao reconhecer o transtorno ou a dificuldade, o professor deve atuar diretamente, minimizando os prejuízos que o distúrbio causa no desenvolvimento da criança. Dessa forma, há uma necessidade de especialização e capacitação do profissional para atender esses alunos, pois Cancian e Malacarne (2019) observam que é comum uma confusão na definição desses dois termos.

É grande o número de crianças que apresentam alguma dificuldade em relação ao aprendizado. Tal situação colabora na confusão de identificação dos distúrbios, o que faz com que pais e educadores optem por tomada de decisões equivocadas que podem prejudicar o desenvolvimento da criança. (CANCIAN; MALACARNE, 2019, p. 3)

Os autores também ressaltam a importância da presença do professor e de um olhar atento para esses alunos. “É necessário que a criança com dificuldade de aprendizagem receba uma atenção especial do educador, a fim de tentar identificar

a causa ou o problema que interfere na aprendizagem” (CANCIAN; MALACARNE, 2019, p. 2).

É necessário observar que quando uma das dimensões do sujeito encontra-se comprometida, isso influencia no processo de aprendizagem. Por isso, quando um aluno se encontra em estado de vulnerabilidade social, a aprendizagem é dificultada; quando o estudante está triste ou abatido, há interferência nos resultados. Logo, inúmeros problemas sociais, geralmente vistos em uma dimensão externa à escola, interferem no ambiente escolar. Também há problemas genéticos, biológicos e neurológicos, que causam interferência nesse processo, sendo o caso de alunos portadores de doenças crônicas e transtornos. Conforme aponta Farias e Graciano (2019):

Entre fatores externos, destacam-se os contextos social, econômico, cultural e, mais localmente, escolar, com suas práticas e sua organização didático-pedagógica. Já os fatores internos estão ligados às estruturas biológicas e aos estados neurológicos do sujeito. Essas diferentes dimensões determinam sua condição de sujeito aprendente. (FARIAS; GRACIANO, 2019, p. 63)

Podemos perceber que esses fatores são determinantes para a aprendizagem, por isso, a ideia de que o aluno e o professor são os únicos responsáveis por esse processo é equivocada, já que não depende apenas desses sujeitos, mas há a interferência de demais instâncias.

A dificuldade se estabelece, quando há impossibilidades de acessar essa aprendizagem, independentemente do motivo, biológico ou social. Nas palavras de Rosa (2019):

Apesar dos especialistas não concordarem em tudo ao falarem sobre Dificuldades de Aprendizagem, conclui-se que de um modo geral, as Dificuldades de Aprendizagem são, numa perspectiva biológica, desordem neurológicas que interferem temporária ou permanentemente na recepção, integração ou expressão de informação pelo indivíduo. Numa perspectiva educacional, podemos concluir que Dificuldades de Aprendizagem são impedimentos ou, literalmente, dificuldades do aluno na aprendizagem da leitura, escrita ou cálculo. (ROSA, 2019, p. 138)

Há inúmeros fatores internos e externos que determinam o bom ou mau desempenho, reforçando a concepção de que o aluno não deve ser o único responsabilizado pelo sucesso ou fracasso escolar, independentemente da sua condição.

Se considerarmos o aluno como sujeito social, histórico, cultural, biológico e emocional, compreendemos que se trata de um ser complexo, e requer considerarmos todos os aspectos de sua constituição, a fim de entendermos os motivos das dificuldades de aprendizagem.

Para exemplificar, buscaremos mencionar diferentes aspectos que influenciam nesse processo, como forma de pensar quais medidas podem ser realizadas para minimizar as interferências negativas no processo de aprendizagem.

#### **QUADRO 2: Aspectos que influenciam no processo de aprendizagem**

<b>ASPECTOS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b>Aspectos cognitivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ligados ao desenvolvimento/ funcionamento das estruturas cognitivas;</li> <li>- Domínio dos fatores intelectuais: memória, atenção, antecipação, etc.</li> <li>- Capacidade de lembrar o que sabe sobre o assunto;</li> <li>- Compreender como ocorre o pensamento;</li> <li>- Pode ser afetado por aspectos emocionais;</li> <li>- Ocorre na interação entre o organismo e o meio;</li> <li>- Exemplo: a criança com baixa visão, tem compreensão do mundo diferenciada da criança com visão normal, pois suas experiências foram diferentes;</li> <li>- Limites de aprendizagem são diferentes de dificuldades de aprendizagem;</li> </ul>
<b>Aspectos orgânicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Está relacionado à construção biofisiológica;</li> <li>- Alterações nos órgãos sensoriais (olho, ouvido, nariz, pele, língua e etc.) que influenciam na aquisição do conhecimento;</li> <li>- Um organismo é basicamente um corpo que aprende, sendo assim, aprendizagem se caracteriza por esse corpo;</li> <li>- Organismos diferentes, requerem uma aprendizagem diferenciada, conforme a necessidade desse corpo/ organismo;</li> <li>- Aspectos que afetam o organismo podem ser sociais, como a fome;</li> <li>- Exemplos de aspectos orgânicos: cegueira, surdez, mudez, diabetes, hipotireoidismo, crise TPM, etc.</li> </ul>

Continuação:

<p><b>Aspectos emocionais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Está relacionado ao desenvolvimento afetivo;</li> <li>- Remete a aspectos inconscientes, aos quais não temos controle;</li> <li>- Se faz necessário um trabalho com as emoções;</li> <li>- A Personalidade e a Autoestima são exemplos que competem aos aspectos emocionais;</li> <li>- A observação das relações é fundamental, a causa da não aprendizagem pode estar nas relações entres sujeitos (aluno, família, professor). Exemplo: a chegada de um irmão, troca de escola, etc.</li> <li>- Um dos indícios é a rejeição escolar.</li> </ul>
<p><b>Aspectos sociais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem relação com as expectativas sociais que se tem em relação ao aprendiz;</li> <li>- A questão das oportunidades está relacionada com as expectativas e, conseqüentemente, com os resultados desse aluno;</li> <li>- As ideologias demonstram as diferentes formas de explicação, seja de sucesso ou fracasso, por meio da justificativa. Exemplo: não se formou no ensino médio, porque é de família pobre;</li> <li>- A precariedade está ligada às condições básicas de sobrevivência, direitos, que muitas vezes não temos acesso e que interferem no modo de viver e na aprendizagem. Exemplo: falta de médico;</li> <li>- A cultura em que se está inserido, determina a forma como se aprende e o que se aprende. Exemplo: a privação da mulher em estudar;</li> <li>- É externo ao sujeito, não é realizado pelo próprio aprendiz; é criado socialmente, mas afeta internamente;</li> <li>- Aspectos da sociedade, como: ideologia, política, religião;</li> <li>- Democracia escolar, para garantia do acesso, permanência e qualidade da escolarização;</li> </ul>
<p><b>Aspectos pedagógicos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Metodologia utilizada pelo docente;</li> <li>- Concepção de avaliação e diversidade de instrumentos utilizados em sala;</li> <li>- Qualidade do ensino. Não basta garantir o acesso é necessário que as informações e ensino sejam de qualidade;</li> <li>- Espaços e recursos devem ser adequados para a construção dos conhecimentos, além de atender as diferentes necessidades dos estudantes;</li> <li>- Os conteúdos devem ser acessíveis a todos, se necessários adaptá-los à necessidade de cada indivíduo.</li> </ul>

Fonte: As autoras (a partir de Weiss (2002)).

Com base no quadro, podemos observar que esses aspectos estão, frequentemente, presentes nas salas de aula e suas influências, muitas vezes, são vistas como desatenção por parte do aluno, preguiça, birra, etc. Mas, dificilmente, se busca compreender quais aspectos estão determinando essas atitudes. Dessa forma, questionamos: A culpa é realmente do aluno?

Para compreender qual o motivo de tais comportamentos é necessário se aproximar da realidade do sujeito, pois quando se conhece a sua realidade, entendem-se os motivos de suas atitudes e se estabelecem novos modos de fazer. Para isso, o professor deve ter com o aluno uma relação de fala e escuta aberta, para compreender e saber como intervir no problema. Salientamos que, também, é preciso ter clareza de que há:

[...] dificuldades de aprendizagem inerentes ao próprio sujeito aprendiz, [...]. Elas se manifestam como dislexia, disgrafia, discalculia e disortografia e demandam, por parte dos pais e dos professores, identificação precoce, intervenção por equipe multidisciplinar, além de estratégias pedagógicas de ensino e avaliação diferenciados, de modo a promover condições saudáveis e escolarização das crianças com dificuldades de aprendizagem. (ROSA, 2019, p. 135)

Discorreremos, brevemente, abaixo sobre os transtornos relacionados à aprendizagem da leitura e da escrita.

### 2.2.1 Transtornos de aprendizagem da leitura e da escrita

Apresentamos a seguir as dificuldades específicas do processo de alfabetização, que é o foco de estudo deste trabalho, lembrando que defendemos a alfabetização como um processo indissociável do letramento. Esse processo por si só é constituído de múltiplas facetas e quando discutido juntamente com as dificuldades, pode tornar-se ainda mais complexo.

Quando falamos de dificuldades de aprendizagem estamos nos referindo a diversos fatores, entre eles os transtornos de aprendizagem, como: o transtorno da leitura, o transtorno da matemática e o transtorno da expressão escrita. Segundo Sampaio e Freitas (2014):

Atualmente, trabalha-se com a seguinte classificação para os transtornos na aprendizagem: transtorno da percepção, transtornos psicomotores,

transtornos da atenção, transtornos da linguagem, transtornos da conduta, transtornos globais do desenvolvimento - TGDs e de comportamento disruptivo. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 24)

Além desses transtornos, há distúrbios de aprendizagem que prejudicam o modo que a criança recebe, processa e mantém as informações, afetando a habilidade de aprender coisas básicas em leitura, escrita ou matemática. Esses distúrbios de aprendizagem não são causados por falta de oportunidades educacionais.

A aprendizagem não se define em um armazenamento de informações, mas na capacidade de processar e elaborar os dados por meio da conexão que os receptores sensoriais estabelecem com o ambiente (reconhecendo que cada indivíduo tenha um próprio estilo de aprendizagem), sendo eles: visuais, auditivos e cinestésicos.

Uma das principais dificuldades de aprendizagem é o atraso do processo de leitura e escrita. Na sociedade letrada em que vivemos, saber ler, escrever e compreender não é só um desejo, mas uma necessidade para um bom desempenho acadêmico, profissional e social. Essa necessidade tem sido cada vez mais reforçada, refletindo na inserção e antecipação da alfabetização das crianças nas escolas, e conseqüentemente, houve também o aumento de casos de dificuldades na alfabetização.

O aumento de diagnósticos demonstra uma necessidade em buscar novos conhecimentos, visando diminuir a quantidade de diagnósticos incorretos. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) é o documento que rege os critérios de diagnósticos e classificação dos transtornos mentais. O DSM-5 em seu critério A estabelece que o diagnóstico não seja imediato, mas que se observe o desenvolvimento ou permanência dos “sintomas” durante 6 meses.

O conceito apresentado pelo manual DSM-5, define transtornos de aprendizagem como:

Dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas, conforme indicado pela presença de ao menos um dos sintomas a seguir que tenha persistido por pelo menos 6 meses, apesar da provisão de intervenções dirigidas a essas dificuldades: (DSM-5, p. 66)

O documento apresenta os seguintes critérios, onde 1 e 2 são específicos da leitura, 3 e 4 da escrita e os dois últimos em relação à matemática, que não é foco de nosso trabalho, mas acreditamos ser importante mencionar.

1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, têm dificuldade de soletrá-las).
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido).
3. Dificuldades para ortografar (ou escrever ortograficamente) (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).
4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza).
5. Dificuldades para dominar o senso numérico, fatos numéricos ou cálculo (p. ex., entende números, sua magnitude e relações de forma insatisfatória; conta com os dedos para adicionar números de um dígito em vez de lembrar o fato aritmético, como fazem os colegas; perde-se no meio de cálculos aritméticos e pode trocar as operações).
6. Dificuldades no raciocínio (p. ex., tem grave dificuldade em aplicar conceitos, fatos ou operações matemáticas para solucionar problemas quantitativos). (DSM-5, p. 66)

Em relação ao aprendizado da leitura e da escrita, Sampaio e Freitas (2014) afirmam:

O processo de alfabetização acontece de maneira normal e saudável para cerca de 85% da população que tenha acesso à escola, mas não para 10% a 15% da população que, embora inteligente e tendo acesso a uma metodologia de ensino adequada, não consegue aprender a ler e escrever da maneira esperada. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 37)

Essa porcentagem da população sofre de um distúrbio denominado de dislexia específica ou de evolução, segundo Shaywitz (2006, p. 21), que atinge uma em cada cinco crianças. Para Fonseca (1995, p. 329), “a dislexia evolutiva específica é uma desordem manifestada na aprendizagem da leitura”.

Para Sampaio (2011, p. 111), a dislexia é um distúrbio na leitura que consequentemente afeta a escrita, sendo descoberta a partir da alfabetização, o período que a criança inicia o processo de leitura e escrita, sendo bastante evidente nessa fase. É importante o diagnóstico para que possa se desenvolver o apoio para o sujeito, visando suprir suas necessidades e uma melhoria na qualidade de vida desse indivíduo.

De acordo com os estudos de Farias e Graciano (2019, p. 73) “O distúrbio mais conhecido relacionado à linguagem escrita é a dislexia, que se caracteriza pela dificuldade na codificação e na decodificação das palavras.” Os autores mencionam que essa dificuldade está atrelada a identificação de símbolos, ou seja, a pessoa não diferencia letra, números e desenhos.

Outro transtorno é a disortografia, que por sua vez pode ser compreendida, segundo Sampaio e Freitas (2014, p. 83), como “[...] a dificuldade de fazer uma associação entre os fonemas (som das letras) e os grafemas (escrita das letras).” É comum casos de alunos na fase de alfabetização apresentarem confusões e trocas no uso das letras. Mas no segundo ano de escolarização, já é esperado uma evolução desses alunos, percebendo e distinguindo os sons das letras. Entretanto, se a dificuldade persiste no Ensino Fundamental I, apesar do ensino sistemático, pode-se dizer que a criança apresenta disortografia. Logo que esse problema de escrita é identificado, os pais devem buscar orientações de um profissional para adotar medidas adequadas. Sampaio e Freitas (2014) ressaltam que:

A disortografia consiste em confusões de letras, sílabas e palavras, com trocas ortográficas já conhecidas e trabalhadas pelo professor. A ortografia é o conjunto das regras e normas que regem o código da linguagem escrita, não é aleatória ou construída individualmente, mas é fruto de um acordo coletivo entre os povos que compartilham uma mesma língua. (SAMPAIO e FREITAS, 2014, p. 84)

A disortografia é caracterizada pela confusão entre letras, sílabas e palavras na escrita, pode ser definida como um conjunto de erros que afetam a escrita, porém não o traçado ou a capacidade de se estruturar gramaticalmente a linguagem.

Já a disgrafia é uma "confusão" na escrita, com ênfase no traçado das letras e a disposição dos conjuntos gráficos no espaço que utiliza. Se tem uma dificuldade motora e espacial, ligada a um problema perceptivo-motor e pode estar ligado a outros fatores. Segundo Sampaio e Freitas (2014):

Alguns desses problemas podem estar associados com fator biológico, lateralidade, esquema corporal, equilíbrio, funções motoras, pedagógicos, como orientação deficiente e inadequada na mudança de letra, exigência de muita qualidade e rapidez nas atividades, pouca importância pela letra e imaturidade da criança. (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 110)

A autora ainda salienta que a idade adequada para buscar tratamento é a partir dos oito anos, quando a letra já está mais definida. É importante buscar recursos para que se possa auxiliar corretamente cada criança.

Ainda destacamos o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma síndrome ligada ao desenvolvimento neurobiológico, que afeta, principalmente, no comportamento e no mecanismo de atenção e memória, que são muito importantes no ambiente escolar e na aprendizagem dos conteúdos. Segundo Rohde e Benczik (1999) citado por Freitas (2014):

O transtorno é caracterizado por um conjunto de sintomas e sinais por meio de uma tríade sintomatológica clássica: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Este deve permanecer durante pelo menos seis meses e manifestar-se nos diversos ambientes sociais frequentados por quem apresenta as características. Pode ainda estar associado a outros transtornos e distúrbios. (FREITAS, 2014, p.132)

A desatenção e hiperatividade acaba afetando a aprendizagem no ambiente escolar, contribuindo para que as crianças e adolescentes que têm TDAH fracassem academicamente quando não diagnosticadas e tomadas as medidas necessárias pela família e escola.

Os dados, assim como o diagnóstico, muitas vezes, são vistos como uma limitação, “Contudo, cerca de 70% das crianças apresentam como comorbidade transtorno de aprendizagem.” (ROTTA, OHLWEILER e RIESGO, 2006). Assim como qualquer criança, tendo uma mediação adequada, é possível superar as expectativas.

### 2.3 Reflexões sobre como abordar as dificuldades de aprendizagem

Com base nas narrativas presentes nos estudos de Proença (2002) a respeito das dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, o conceito de “problemas de aprendizagem” pode ser compreendido pelos professores de forma equivocada.

Assim sendo, os chamados “problemas de aprendizagem” são descritos da seguinte maneira: “troca de letras”, “dificuldade em ler as palavras”, “não consegue ler e escreve tudo amontoado”, “ainda está na fase dos rabiscos”, “não consegue copiar da lousa”, “dificuldade na coordenação motora fina”, “troca letras, não acentua palavras e não sabe quando tem que escrever uma letra maiúscula”, “não sabe ler e escrever, somente copia”, “só conhece a letra A”, “omite palavras, sílabas e letras em ditados e cópias e comete erros gramaticais”, “não acerta as contas”, “vai mal em matemática”,

“baixo rendimento escolar”, “é lento”, “não está acompanhando o ritmo das outras crianças”, “repetiu duas vezes a primeira série em razão de disritmia”, “é distraído”, “tem dificuldade em fazer a lição de casa”. (PROENÇA, 2002, p. 181)

Os resultados tidos como negativos são criticados constantemente, tendo o aprendiz como responsável por esses dados. Esses resultados, conforme Proença (2002), podem estar atrelados a outros fatores: ao professor e às dificuldades em ensinar; à escola e à forma como é organizada e gerida; aos ambientes e disponibilidade de materiais; à relação família e escola. Essa compreensão descentraliza a culpa empregada a um único “ator” e justifica as dificuldades como sendo um reflexo de falhas do processo, necessitando de uma análise em todos os fatores responsáveis pelo ensino-aprendizagem.

Conforme apresentado e discutido no capítulo 1, o processo de alfabetização é de grande importância social, sendo assim se tem grande preocupação em relação aos resultados desse processo. Quando os resultados obtidos não são condizentes com os esperados, geram-se inquietações e discussões a respeito, generalizando a situação como um imenso problema. Conforme Proença (2002):

As descrições mais detalhadas sobre os problemas de leitura e escrita nos fazem pensar que parcela dos professores está realizando seu trabalho de alfabetização a partir da concepção de que tudo que se desvia do padrão estabelecido é patológico e, portanto, passível de atendimento psicológico. Essa concepção de alfabetização remonta ao final dos anos 1960, dando grande importância ao chamado “distúrbio de aprendizagem”. Ou seja, a forma da letra distoante (disgrafia), a dificuldade na leitura-escrita (dislexia), não escrever ortograficamente (disortografia), o não-pronunciamento correto dos fonemas (dislalia), agitação em sala (hiperatividade), cada uma das diferenças que uma criança apresentava diante do seu grupo recebia um diagnóstico específico. (PROENÇA, 2002, p. 184)

É fundamental considerar que cada criança é um sujeito diferente, com necessidades e tempos distintos de aprendizagem. Ou seja, nem tudo que foge do padrão é errado ou deve ser considerado como patológico. O erro deve ser compreendido como um processo necessário para a aprendizagem.

Vários procedimentos descritos anteriormente e realizados pelas crianças não são patológicos como se acreditava em uma concepção associacionista de alfabetização, mas sim momentos do processo de aquisição da estrutura e dos mecanismos de uma língua. Ao escrever uma palavra e omitir letras a criança não está errando mas sim demonstrando

como naquele momento pensa a respeito da escrita de determinada palavra. (PROENÇA, 2002, p.185)

Nessa acepção, não podemos considerar tudo como erro e dificuldade, como algo negativo, mas devemos considerar também que podem fazer parte do processo. Toda manifestação de uso da escrita necessita de uma interpretação da forma como o aluno se expressa e das suas possíveis causas. Segundo Proença (2002), há uma grande idealização referente a esse período de alfabetização, por isso sempre que algo não condiz com o esperado, se torna inaceitável. Esse novo contexto requer de nós uma nova postura, de compreensão e ressignificação do erro.

Em relação a essa concepção idealizada, Proença (2002), com base em seus estudos, descreve:

As inscrições dos professores e os relatos dos pais, presentes nos prontuários dos clientes atendidos, leva-nos a crer que há uma tendência desses educadores apresentar uma concepção idealizada a respeito das crianças ingressantes, esperando que tenham uma letra legível, uma coordenação motora perfeita, escrevam sem pressionar muito o lápis ou ainda que estejam em estágios avançados no processo de alfabetização de maneira que um pequeno contato com as informações da professora sejam suficientes para que escrevam e leiam corretamente. (PROENÇA, 2002, p. 186)

Como já mencionamos, na escola há alunos com realidades diferentes, para uns bastam poucas informações e interferência da professora para que se desenvolva uma boa alfabetização, porém, há outros que necessitam de maior atenção e de práticas diferenciadas.

Além de ser um dos motivos que levam ao fracasso ou à dificuldade de aprendizagem, essa idealização demonstra uma homogeneização da forma de ensinar, pois quando um aluno apresenta dificuldade, requer uma intervenção diferenciada dos demais. Tantas idealizações não são positivas, é necessário que o processo ocorra conforme a realidade e necessidade dos envolvidos, a fim de potencializar suas capacidades não devemos limitar o aluno à sua dificuldade. Nas palavras de Rosa (2019):

É relevante compreender que o aluno com Dificuldade de Aprendizagem pode apresentar problemas na resolução de algumas tarefas escolares em uma área específica e, ao mesmo tempo, ser brilhante na resolução de outras tarefas em outras áreas. Enquanto outro indivíduo também com

Dificuldades de Aprendizagem, pode apresentar dificuldades na resolução de tarefas em diversas áreas escolares simultaneamente. Portanto, uma criança pode possuir Dificuldades de Aprendizagem em apenas uma área (leitura, escrita ou cálculo) ou em mais de uma. Além da quantidade de áreas afetadas, o grau de severidade destas dificuldades também pode apresentar-se diferenciado em cada indivíduo. (ROSA, 2019, p. 139)

Vale lembrar que durante todo o processo o professor deve ter cuidado ao trabalhar com as diferentes capacidades do sujeito, em nenhum momento deve-se inferiorizar o aluno devido à sua (in)capacidade.

A forma como são tratadas as dificuldades podem ser as próprias causas da não aprendizagem, pois interferem no modo como o estudante se vê e como estabelece suas expectativas. Para Farias e Graciano (2019, p. 29): “Cabe observar, ainda, que o baixo rendimento acadêmico e as dificuldades de aprendizagem interferem na autoestima da criança, ocasionando frustração, sobrecarga emocional e sentimentos de inferioridade”. A insegurança pode ser um dos motivos que levam a não aprendizagem, por isso, é extremamente necessário cautela e empatia ao tratar do assunto com os estudantes.

Tendo como base Griffó (2004), buscamos entender a dificuldade na perspectiva do aprendiz. O autor, em suas observações, presenciou casos em que o aluno criou barreiras para a sua aprendizagem, por estar com baixa autoestima, além dos “rótulos” que lhe foram empregados.

Reiteramos, juntamente com Griffó (2004), que há aqueles alunos que são marcados como incapazes devido às suas notas, reduzindo-se as capacidades do estudante aos resultados de uma atividade ou exame. Essas rotulações, muitas vezes, cometidas pelas famílias e professores, acarretam situações traumáticas e culpabilização indevida, como forma de encontrar uma explicação e um culpado pelos resultados obtidos.

A escola opera com o princípio de que o problema está nos alunos e que somente eles próprios poderão resolvê-lo. Dessa forma, faz com que se percebam como os culpados da situação, levando-os a assumir a culpa pelo fracasso. Além disso, é possível afirmar que há uma enorme dificuldade da escola em inserir determinados alunos no processo de ensino-aprendizagem. Esse fato aponta para uma necessidade emergente de se redefinirem, na escola, as concepções de aprendizagem, de alfabetização e, principalmente, de aprendiz - concepções que já vem sendo intensivamente trabalhadas no meio acadêmico. (GRIFFO, 2004, p. 52)

Se faz necessária a problematização a respeito da compreensão que temos sobre dificuldades de aprendizagem, principalmente, para evitar preconceitos linguísticos e sociais utilizados, muitas vezes, para justificar os desempenhos desviantes. A causa maior desses equívocos está na desinformação de profissionais e na falta de comunicação entre família e escola.

Essas situações levam o aluno a um estado de desânimo e aprisionamento ao rótulo empregado. Griffó (2004) corrobora:

A introjeção do papel do aluno fracassado e a fixação das funções do aluno “desviante” deixavam-nos em uma situação de permanência e auto-sustentação do estado de fracasso. Sentiam-se sozinhos e isolados do restante da turma, demonstrando compreender a situação de discriminação escolar. (GRIFFO, 2004, p. 5)

A forma como percebemos e reproduzimos diversas concepções também servem como determinantes para o processo de aprendizagem. O aperfeiçoamento profissional é essencial para a não reprodução desses equívocos, que servem para aprisionar os alunos. Devemos reconhecê-los como sujeitos detentores de saberes e capacidades, independentes de suas dificuldades, de modo a potencializar as suas capacidades.

No próximo capítulo, apresentamos e analisamos o método Abacada. Ele é reconhecido como um método que pode ser utilizado com alfabetizandos que têm dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita.

## CAPÍTULO 3 MÉTODO ABACADA: ANÁLISE E DISCUSSÕES

Ao longo dos capítulos anteriores, apresentamos os pressupostos teóricos e discussões que serão essenciais para a compreensão deste capítulo. A seguir abordamos o percurso da pesquisa bem como seus resultados. Discutiremos as possíveis respostas para o problema de pesquisa, a partir da efetivação dos objetivos propostos.

### 3.1 A pesquisa: metodologia, instrumentos e sujeitos participantes

O ato de pesquisar é fundamental para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos diversos segmentos, principalmente em relação à educação. Tendo consciência dessa importância, realizamos um processo de pesquisa com seriedade e dedicação, de modo que o presente estudo possa promover a reflexão de diversos profissionais em relação ao processo de alfabetização.

A pesquisa possui caráter qualitativo, partindo da revisão bibliográfica a respeito dos referenciais utilizados para a temática proposta até a descrição e análise do método de alfabetização Abacada. Para a pesquisa de campo, utilizamos entrevistas semiestruturadas, realizadas com profissionais de diferentes segmentos da educação, a fim de conhecer suas percepções em relação à utilização (ou não) do referido método.

O tipo de pesquisa pode ser classificado a partir dos objetivos ou da metodologia aplicada ao estudo. Autores como Gil (2002) classificam as pesquisas de acordo com os objetivos, como sendo: exploratórias, descritivas e explicativas. No presente trabalho, utilizamos o viés exploratório e descritivo.

Optamos por utilizar exercícios exploratórios, pois partimos da intencionalidade de aproximação ao objeto de estudo. Para Gil (2008) “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27).

Como uma maneira de esclarecer as dúvidas relacionadas a esse método, pois se trata de uma nova proposta de ensino, também realizamos um estudo descritivo que visa a descrever as principais impressões em relação ao tema e ao método. Nas palavras de Gil (2008) esse tipo de pesquisa tem como objetivo:

[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p. 28)

Para a pesquisa exploratória e descritiva foram realizados estudos bibliográficos que abordam as concepções de alfabetização, letramento, de métodos para alfabetizar e as discussões sobre as dificuldades de aprendizagem da língua escrita. Tais pressupostos ajudaram a compreender as concepções teórico-metodológicas do método Abacada.

O intuito do trabalho é compreender as origens e fundamentos do método Abacada e seus resultados. Para isso, a pesquisa explora as indagações que cercam esse tema, a partir de diferentes pontos de vista: de uma professora, uma pedagoga e do ponto de vista clínico de uma psicopedagoga. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com esses sujeitos que já vivenciaram/experimentaram o método Abacada.

Nas palavras de Souza (2009), ao diferenciar entrevistas estruturadas e semiestruturadas:

As entrevistas estruturadas são aquelas que possuem um roteiro específico de perguntas a serem feitas ao entrevistado ou sujeito da pesquisa. As entrevistas semi-estruturadas possuem questões abertas e fechadas, ou seja, há margem para os sujeitos da pesquisa mencionarem as próprias impressões sobre o assunto que está sob investigação. (SOUZA, 2009, p. 99)

A escolha das entrevistas semiestruturadas para a geração dos dados ocorreu devido à importância de estabelecer uma conversa com os participantes da pesquisa, de modo que eles se sentissem acolhidos e confiantes para relatar suas experiências e posicionamentos, que foram essenciais para a compreensão do Abacada. Atribuímos grande importância a essa fase, pois propicia a fusão dos estudos teóricos com a prática realizada pelos entrevistados. Nas palavras de Souza (2009), podemos identificar essa relevância:

Coleta de dados: É o momento de ir a campo! Relacionar-se com outros sujeitos; duvidar; ter respeito, fidelidade no registro dos dados e exercício intelectual para analisar o que se vê, em relação ao referencial teórico da pesquisa. (SOUZA, 2009, p. 92)

Por meio do diálogo com a professora foi possível observar como tem sido a utilização do método, os resultados em sala de aula e os desafios que têm permeado o ensino e a aprendizagem da língua escrita. Mediante a fala da coordenadora pedagógica investigou-se como o uso do referido método tem se articulado com a proposta da escola e os impactos que essa utilização pode ter mediante fatores externos. Para finalizar, são apresentadas as contribuições do ponto de vista clínico da psicopedagoga.

Essa aproximação com os sujeitos da pesquisa foi fundamental para a compreensão do seu modo de conceber a alfabetização e seu ensino. Vale ressaltar, que a análise e a interpretação dos dados não se baseiam em julgamentos pessoais das pesquisadoras, mas em pressupostos teóricos consolidados no campo da educação.

Para finalizar o processo de pesquisa, em posse dos dados (respostas às entrevistas), realizamos a tabulação e organização a partir das temáticas das perguntas. A apresentação dos resultados configura-se de trechos das entrevistas<sup>2</sup> articulados com o aporte teórico estudado ao longo do trabalho.

A fim de manter a ética do processo de pesquisa e garantir o anonimato dos sujeitos participantes, iremos nos referir a elas, a partir da sua função social: professora, pedagoga e psicopedagoga. As entrevistas ocorreram de forma individual, em dias diferentes. A professora e a pedagoga solicitaram que fosse realizada via *Meet*, devido a disponibilidade de horários e praticidade. Já com a psicopedagoga, foi possível realizá-la presencialmente. As perguntas foram pensadas a partir da função que cada uma desenvolve, suas competências e a relação com o processo de alfabetização.

Com o intuito de definir o perfil dos sujeitos participantes, iniciamos a conversa, questionando qual é o campo de atuação e o tempo que cada participante está nesta função.

A professora apresenta sua atuação profissional atual e revela já ter trabalhado em outros segmentos: *“Então eu sou professora da séries iniciais do Ensino Fundamental, nesse ano específico, eu estou no terceiro ano, eu estou trabalhando com a parte da alfabetização, matemática, artes e formação humana*

---

<sup>2</sup> Os trechos das entrevistas foram transcritos tal como respondidos pelas entrevistadas.

esse ano.” (Professora). Em relação ao tempo de profissão: *“25 anos, eu já trabalhei por exemplo do quarto ao quinto ano, não é mais tanta alfabetização... eu trabalhei dois anos como diretora também de uma escola e mais dois anos como pedagoga também e o restante com alfabetização.”* (Professora).

Quando questionada a respeito da sua função, a pedagoga reforçou que seu segmento de atuação é a coordenação, em relação ao tempo de atuação comenta: *“De magistério já tem 26 anos, de prefeitura esse ano eu fiz 25 e de coordenadora já tem uns 12,15 anos, eu entrei na função, saí e voltei de novo, só agora por último, tô há 8 anos.”* (Pedagoga).

Podemos perceber que a pedagoga é experiente na função que exerce, além de ter participado de processos de alfabetização enquanto professora: *“Quando eu comecei, eu iniciei numa turma de quarto ano, agora quinto ano, alguns anos atrás. Antes de eu voltar, agora como coordenadora, eu estava com uma turma de primeiro ano e segui até o terceiro, primeiro segundo e terceiro ano.”* (Pedagoga). Essa profissional, esteve em ambos os papéis, sendo assim, conhece os desafios do professor alfabetizador e do coordenador como mediador do processo de aprendizagem.

Ambas as profissionais possuem bastante tempo de atuação e experiência em ambos os segmentos, a professora inclusive atuou na área da direção.

Para a psicopedagoga realizamos a mesma pergunta, em relação ao campo e tempo de atuação: *“Educação especial, neuropsicopedagoga clínica... Seis anos. Já atuei, fui professora [nome da instituição de ensino privado] em sala de alfabetização durante um ano e nove meses, daí eu saí pro mestrado, né? E três anos na rede municipal de Ponta Grossa [...] cinco anos, né, no total.”* Ao ser questionada sobre atuar na direção ou na coordenação pedagógica, revelou: *“Não tive a possibilidade, também não é uma área que me apetece. Não gosto da gestão, eu gosto da sala de aula.”*

Com base nas falas das entrevistadas, podemos perceber que possuem experiências diversas e perfis distintos. A escolha desses sujeitos se deu justamente por essa diversidade de vivências e opiniões, o que possibilitou maior reflexão sobre os estudos que estamos realizando, pois propicia visualizar o tema de diferentes formas.

### 3.2 A alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem: concepções e percepções dos sujeitos participantes

Tendo em vista a importância da compreensão do termo alfabetização para as reflexões sobre o método Abacada, questionamos as entrevistadas sobre o que elas compreendem como alfabetização.

A professora assim define alfabetização:

Então o início né que seria o primeiro ano, seria então para as crianças terem o contato, se bem que ele já tenha antes lá na pré-escola né, no infantil, no infantil 5, infantil 4, infantil 5, ele já tem né esse contato né, já com a parte de ter alfabetização, mas é mais a questão dos pré-requisitos, ali o contato com as letras, daí a partir do primeiro ano então, seria para eles estarem né, no início dessa alfabetização, antes eu trabalhava mais assim, letra por letra a gente trabalhava, iniciava pelas vogais e a construção ali das palavrinhas, para que as crianças possam, aos poucos né elas vão adquirindo essa alfabetização, aprendendo aos poucos né, a gente trabalha mais assim com essa questão, mas seria assim a gente começa pelo início do alfabeto sempre vai seguir no alfabeto, sempre pelas vogais, depois vai as consoantes, até que as crianças né vão tendo uma noção ali, de como formar palavras, depois frases, depois pequenos textos, seria mais ou menos assim. ( PROFESSORA)

Ao mencionar a expressão “pré-requisitos”, nos remetemos ao posicionamento que firmamos em relação ao período preparatório, como sendo um equívoco, porém se mantém até hoje, como podemos observar na fala da docente. Cagliari (1998) menciona que esses testes de preparação, foram mal elaborados, pois não contemplam a alfabetização em sua totalidade. Esse período de preparação, serve como uma “desculpa” para manter o aluno na escola, já que não favorece a aprendizagem.

É perceptível na fala da professora a permanência de métodos de marcha sintética, como o da soletração, que parte das letras, conforme Mortatti (2006) e pode ser observado no 1º momento apresentado no quadro: História dos métodos de alfabetização. Essa concepção do final do império, ainda hoje se sobressai nas práticas docentes, acreditamos que seja devido a “facilidade”, pois funciona como uma “receita de alfabetização” a ser seguida pelo do professor.

De acordo com Colello (2014), para compreender a alfabetização em sua totalidade, devemos analisá-la sob os seus três sentidos: linguístico, pedagógico e social. Esses aspectos não se encontram presentes nos métodos tradicionais de marcha sintética, uma prática que contempla os três sentidos requer formação.

A pedagoga compreende alfabetização como:

Eu digo que é o momento mágico que é quando a criança consegue despertar para leitura é tão gostoso da gente ver quando elas começam a contar, escrever, começam a ler, a descobrir as palavrinhas. Olha aqui tá escrito tal coisa, é um momento mágico, com certeza é o resultado de todo um trabalho, desde quando a gente inicia no começo do ano que vai mostrando, vai explicando que eles começam a descobrir as letras a fazer junções é um momento mágico. (PEDAGOGA)

As respostas nos surpreenderam, pois o modo como as entrevistadas revelam compreender o processo de alfabetização demonstra uma fragilidade em suas concepções e práticas para o ensino da língua escrita.

Como podemos perceber a alfabetização é compreendida como algo sobrenatural, e não como um processo que exige conhecimentos e mediação intencional do professor para que ocorra um aprendizado sobre a escrita. É desconsiderada a construção do aprendiz e a necessidade das mediações docentes.

Durante a pergunta sobre a concepção de alfabetização, questionamos sobre os letramentos, porém em nenhum momento esse termo e seu conceito foram mencionados. Nas falas é possível perceber que a concepção de alfabetização se encontra restrita ao aprender a ler e escrever, desvinculado da sua utilidade, de refletir, questionar e modificar seu contexto.

Como defendido por Colello (2014), as práticas de ensino devem promover a compreensão e reflexão sobre os usos da escrita. Também Soares (2020) alerta para que na alfabetização não se enfatiza apenas o conhecimento do sistema, já que se trata de uma aprendizagem inicial, mas que haja domínio e usos práticos dessa aprendizagem.

Defendemos um processo de alfabetização que contemple todas as suas facetas. Conforme estudos de Cartaxo, Smaniotto e Fontana (2020), o processo de alfabetização é complexo e multifacetado, e dedicar-se a uma só das suas dimensões - como a faceta linguística enfatizada pelas entrevistadas - não contempla a complexidade desse processo.

Para a psicopedagoga, realizamos uma pergunta diferenciada, já que ao longo da sua fala a mesma demonstrou defender o “alfabetizar letrando”, termo utilizado por Soares (2020). A indagação realizada questionava a que ela atribui a dificuldade das demais profissionais em definir a alfabetização.

Pode ser a formação, podemos considerar uma formação ali gerada conforme a faculdade que ela tenha feito a universidade, né? Podemos considerar a questão do não ter se apropriado por conta de não ter é na época da universidade, às vezes é muito imaturo né? Não ter entendido, como que se forma a alfabetização, o letramento, qual que é o contexto para ajudar em sala de aula... Nós temos pedagogo com sessenta, setenta anos como temos pedagoga com vinte, mas mesmo assim quando elas chegam na rede elas seguem o sistema ou então o campo de alfabetização para elas seja só a partir da gavetinha que entreguem a elas ali que elas têm que aplicar ou pode ser na universidade mesmo né? (PSICOPEDAGOGA)

Nesse trecho é possível visualizar vários fatores que são determinantes no modo de compreender o processo de alfabetização: falta de maturidade durante a formação na graduação, falhas na compreensão dos conceitos, tornam-se “realizadoras” do que o sistema exige e as lacunas na formação inicial. O principal fator é a formação inicial, que muitas vezes é frágil, por isso a importância da formação continuada, como forma de mostrar ao professor novas propostas e não restringir aos conhecimentos adquiridos no ensino superior, mas que amplie a visão e as possibilidades que estão em constante modificação, a fim de efetivar uma educação de qualidade.

As participantes da entrevista, possuem títulos de uma boa formação, a professora possui magistério e graduação em pedagogia, além de pós-graduação em gestão; psicopedagogia e síndrome de down. A pedagoga possui formação inicial em magistério e especialização em educação especial, auditiva e psicologia do desenvolvimento infantil. A psicopedagoga, possui graduação em pedagogia, mestrado em educação e diversas especializações, entre elas: educação especial inclusiva, neuropsicopedagogia clínica, alfabetização e letramento. Os sujeitos da pesquisa possuem formação adequada para a função que desempenham e principalmente para discutir sobre a alfabetização e as dificuldades que afetam esse processo.

As primeiras perguntas foram realizadas de forma diagnóstica, a fim de compreender o posicionamento das participantes da entrevista sobre os conceitos básicos que permeiam a análise do método Abacada.

A pedagoga demonstra ter uma percepção diferenciada ao defender o uso de textos, mesmo no início do processo de ensino:

Assim a gente teve tempo do tradicional, como teve tempo do sócio-construtivista, mas assim de um tempo para cá a gente tem usado muita mescla né a gente diz assim, eu como professora mais antiga, as mais antigas dizem né a necessidade da sistematização, porque teve um tempo que não falava do b com a, b com e, b com i, ou fazer o babe bi bobu, a ir direto para a palavra, demorou, não que não deu resultado, mas foi mais demorado, do que você fazer esse processo, então não tem um método específico? não, o construtivismo era aquela questão de descoberta, de lança palavras, era um método diferente que também não deu resultado sozinho, deu resultado, um pouco mais a longo prazo, hoje o que a gente usa, o começar do todo para as partes, a professora tem que apresentar o texto, do texto apresentar que o texto tem estrutura, que o texto é uma forma de dizer alguma coisa, desse texto vai tirar palavra, desta palavra ela vai mostrar a questão de letras e sílabas, pelo menos isso é o que eu usei e se me colocar numa sala hoje de alfabetização eu uso isso parte do texto aí eu vou esmiuçando, mostrando cada parte para eles. E há quem diga ah mas a criança não sabe nem ler como é que eu vou mostrar no texto. Mas você já vai mostrando para ele que o texto é um conjunto de frases, que dentro da frase tem o conjunto de palavras, que dentro da palavra, a gente tem vogais a gente tem consoante a gente tem a sílaba essa sistematização que a gente começou a perceber que é necessário. (PEDAGOGA)

Na fala da pedagoga podemos perceber que ela menciona diversos métodos empregados ao longo da história, o que demonstra, que não há uma superação de métodos, conforme Cagliari (1998), há uma nova roupagem, mas não uma mudança efetiva, principalmente em relação às cartilhas/ apostilas.

Mesmo com o passar do tempo e discussões sobre o método não ser a questão, mas *uma* das questões, principalmente por Soares (2016), ainda há nos discursos o emprego desses traços da história que não foi totalmente superada.

É possível perceber que há uma defesa pela pedagoga em relação ao processo de alfabetização com o texto. Autores como Carvalho (2009) e Soares (2020), entre outros, defendem que o uso dos textos é de extrema importância para contemplar mais de uma faceta da alfabetização. Inicia-se do todo para as unidades menores, mesmo que a criança não saiba ler e escrever de forma convencional é fundamental para que entenda o uso em diferentes contextos, além do acesso aos diferentes gêneros textuais durante esse processo e não apenas depois de estar alfabetizado.

A professora demonstra um olhar diferenciado do posicionamento da pedagoga. Podemos dizer que possuem concepções antagônicas em relação a como e por onde iniciar o processo de aprendizagem da língua portuguesa.

Então é o método alfabético né, que nós trabalhamos, mas acho que de uns dois anos para cá, um ano e meio, dois anos para cá, eu conheci o

método novo que se chama Abacada, e eu vi que para as crianças que apresentam bastante dificuldades, esse método é mais eficiente, porque nós temos assim, principalmente na rede pública, muitas crianças que apresentam muitas dificuldades em relação à matemática, relação ao português né, a alfabetização, porque falta para eles ali uma bagagem anterior né, até de contato né, mais com livro, com contato com o mundo mesmo, assim que eles não têm tantas oportunidades e às vezes a criança tem algum déficit intelectual também, porque os pais pela condição financeira não podem fazer o tratamento. Então essas crianças eu vejo que eles têm dificuldades de assimilar o método alfabético, silábico-alfabético, e eu percebi que com o método do Abacada, que daí não trabalha com letras isoladas, mas trabalha com sílabas, eles conseguem entender e assimilar melhor, então se fosse feito com todas as crianças no início, porque qual que é o nosso objetivo no primeiro ano? Para que elas aprendam ler e escrever, a parte dele interpretar eles podem ser do segundo ano em diante né a parte da interpretação né e tal. Porque o que que adianta a criança, a gente tá trabalhando o texto, a interpretação, lógico que é super importante, mas o que que adianta a gente estar trabalhando textos grandes com crianças que ainda não estão alfabetizados? Então eu penso assim, primeiro a criança tem que aprender a escrever, então aprendeu a escrever daí sim, nós passamos para textos maiores e mais complexos e trabalhamos mais a questão da interpretação, mas primeiro ela tem que aprender a escrever. (PROFESSORA)

Se compararmos ambas as falas, da professora e da pedagoga, cada uma possui um modo diferente de entender os encaminhamentos para a alfabetização e ancora-se em suas concepções. Podemos perceber na fala da professora, que há uma confirmação em relação a sua crença e preferência pelos métodos tradicionais de marcha sintética, embora ela não relacione o método Abacada a esses métodos.

A pedagoga defende que o ensino da língua deve partir do todo, dos textos, depois para as unidades menores, como frases, palavras e sílabas. Em oposição, a professora defende que esse ensino deve partir das unidades menores, sílabas, palavras e frases para só depois que as crianças estiverem alfabetizadas chegar-se aos textos e sua leitura e interpretação serem trabalhados.

Acreditamos que o ensino, mesmo no início, deve ser contextualizado com textos de diferentes gêneros, como forma de promover a significação do que se aprende, não basta que o aluno saiba fazer (ler e escrever), é necessário que saiba o porquê está fazendo, ou seja, precisa reconhecer os usos sociais, as funções do ler e escrever. Conforme Colello (2014), a compreensão da alfabetização em sua totalidade, só é possível, se considerar o linguístico, o pedagógico e o social. As práticas de letramento são necessárias e indissociáveis para um processo de alfabetização significativo.

A psicopedagoga, frente ao questionamento sobre os métodos, nos respondeu com uma nova pergunta: “se nós, enquanto pesquisadoras, acreditamos na existência de um método de alfabetização efetivo?” Particularmente, respondemos “não, um método por si só não é responsável pela alfabetização, são estratégias e mediações que possibilitam que se desenvolva um processo, de modo que alfabetizar não é algo instantâneo, é um processo, onde todos os sujeitos envolvidos se modificam, aprendem e geram aprendizagem, não há uma receita pronta, uma fórmula, mas há caminhos que podem ser seguidos, mas nem todos se efetivam da mesma forma, pois os sujeitos não são iguais, todos possuem suas particularidades e modos de aprender”.

Em relação às metodologias, a psicopedagoga comenta:

Nós temos metodologias para trabalhar a alfabetização porque cada contexto vai ser diferente. Eu dentro do consultório trabalho diferente da professora que trabalha lá na sala de aula. Mas as professoras que estão atuando com a alfabetização na rede, elas recebem os parâmetros curriculares e tem que seguir o que está ali né? Aquela cartilha. Vejam isso como um sistema mesmo, como seguir aquilo e não sair daquele contexto. Se torna mais fácil para elas. Então pra elas esse é o método. O método é aplicar o que vem pronto. Né? Não de pensar no aluno e pensar que eu posso sair dele, né? (PSICOPEDAGOGA)

Podemos perceber que os documentos oficiais que regem o ensino e a forma como as políticas públicas são implementadas e chegam às escolas se faz presente nos relatos e é um importante fator que influencia no processo de alfabetização. Como vimos na Meta 5 e na BNCC é estabelecido um período para a alfabetização e se tem “imposto” um modo de se fazer. Logo, isso que já “vem pronto” pode parecer uma facilidade para o docente, se comparado aos inúmeros afazeres que lhe são atribuídos, porém acaba por tornar-se um fazer mecânico, sem reflexão. Isso nos faz pensar: “estamos educando máquinas que reproduzem determinada função ou seres humanos que constroem conhecimentos, que criticam, que não se deixam limitar a um sistema imposto?”

Moraes e Albuquerque (2007) defendem que é necessário o conhecimento da utilidade da linguagem escrita, assim como a intencionalidade do porquê saber ler e escrever. Maciel (2008) corrobora ao defender, a partir dos saberes adquiridos, a criação de novos saberes, ou seja, o estudante deve saber o motivo que leva a aprender aquele conhecimento e se este serve de base para desenvolver novos

saberes, que são capazes de transformar a sua forma de perceber a realidade na qual está inserido.

Em relação às dificuldades de aprendizagem, destinamos as perguntas para a professora e para a psicopedagoga, pois elas possuem maior contato com os alunos. É interessante observar nas falas das entrevistadas, que elas confirmam os estudos apresentados no capítulo anterior. Elas destacam que há duas “causas” para essas dificuldades: as internas - devido a um problema de déficit, distúrbios e transtornos; e as externas - aspectos sociais e educacionais.

[...] alunos que têm mais dificuldades, às vezes, talvez nem tenham um déficit intelectual né, mas como eu falei, são crianças que às vezes assim são muito pobres, no sentido de que a família não consegue fornecer para eles momentos para que eles possam se desenvolver melhor né, até sair e passear, ir no shopping, assistir filmes diferentes né, desenhos, a família não tem o hábito de leitura né, então todos esses momentos às vezes fazem falta ali para para criança, e às vezes as crianças assim muito pobres, que por conta de uma alimentação muito pobre né, acabam ficando com um QI pouco abaixo aí né. Tem um déficit intelectual e eu tenho alunos assim na sala e a gente vê a dificuldade que eles têm para tá aprendendo e com crianças com necessidades especiais muito mais então né crianças com autismo, com síndrome de down elas, eu vejo assim que elas assumindo melhor eu tenho na minha sala alunos que eu estou trabalhando com Abacada, porque eu fui né tentei trabalhar com o método alfabético e a criança não saía das letras né, ela aprendia mas e nem todas as letras ela conseguia, às vezes confundia e quando eu comecei a trabalhar com Abacada eu vi que eles assimilam mais rápido né. (PROFESSORA)

Ao destacar os fatores que determinam as dificuldades de aprendizagem, a professora menciona um aspecto muito importante, o não acesso de muitos alunos às informações, leituras, atividades culturais e recreativas, devido às condições em que vivem, por isso com base nos estudos de Weiss (2002), defendemos um ensino onde o professor possibilite o acesso. A docente não menciona o letramento nas demais questões da entrevista, mas nesse trecho, podemos perceber que implicitamente, reconhece a importância das práticas letradas.

Quando o professor apenas reproduz o que está determinado nas políticas, sem considerar o contexto e a realidade de seus alunos, ele não está proporcionando esse acesso, mas perpetuando uma mesma condição, onde aqueles que têm melhores condições financeiras e, conseqüentemente, mais acesso, tem mais facilidade que os demais.

A professora comenta que, além dos alunos que apresentam um ritmo diferenciado devido a fatores sociais, em sua sala de aula, ela possui alunos com dificuldades ocasionadas por déficit de atenção, transtornos e deficiências.

Eu vejo hoje muita criança com déficit de atenção, eu acho que até por conta de muita tela, e da pandemia aí só piorou tudo, na minha sala mesmo eu tenho pelo menos três crianças com déficit de atenção, dislexia né. Tem um aluno com autismo. Mas eu vejo assim o déficit de atenção deles, essa falta de atenção das crianças assim está prejudicando bastante a questão da aprendizagem deles né, para que eles consigam assimilar bem alfabetização ou demais conteúdos ali que a gente trabalha [...] E a questão do autismo que tá bem presente, o autismo aumentou muito de um tempo pra cá, lá na escola todas as salas tem uma criança com autismo, então é uma demanda que está vindo agora e que a gente precisa está se adaptando e procurando alternativas para tá alfabetizando né essas crianças, do jeito como era não dá mais para ficar, só como era, porque não dá. Eles não estão aprendendo né. Precisa de algo mais. (PROFESSORA)

Segundo a professora, os déficits e transtornos tiveram um aumento significativo ao longo dos anos. Atualmente há uma nova demanda para os profissionais da educação. Reforçamos que não basta haver profissionais disponíveis, é necessário que a formação seja de qualidade, pois conforme Proença (2002), o professor pode ser um dos fatores que interferem no processo de aprendizagem, no seu sucesso ou fracasso. Sendo assim, a formação inicial e continuada desse profissional é essencial para atingir bons resultados.

A formação do docente impacta principalmente na sua visão de aluno, dificuldades, papel da escola e mundo. Já que é a partir dessas concepções que se desenvolve o trabalho pedagógico. Lembrando que esse trabalho deve valorizar as potencialidades dos alunos, criando possibilidades de superação das dificuldades e incapacidades criadas socialmente.

Em relação às intervenções necessárias junto aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, a psicopedagoga reforça, que sozinho o professor não consegue desenvolver um trabalho efetivo: *"Nós precisamos de uma direção que está dentro de uma coordenação que apoia uma professora que perceba o que está acontecendo dentro de uma sala de aula. E que essa professora tenha essa formação."* É necessária uma rede apoio, um trabalho multidisciplinar.

Devido à concepção equivocada que muitos profissionais apresentam e a perpetuação de mitos em relação aos métodos, o acesso do aluno às informações/conhecimentos se dá de forma pouco significativa, até mesmo insuficiente, não

permitindo que eles desenvolvam o domínio sobre a escrita e saibam como utilizá-la.

É comum encontrar práticas de intervenção, inicialmente, individuais que se perpetuaram e ganharam força nos contextos escolares, tendo como objetivo superar as dificuldades, mas que acabam por realçá-las frente a sua utilização sem um contexto letrado.

O Abacada é um exemplo de método, inicialmente, criado como uma estratégia particular, que se difundiu no meio educacional, vendendo resultados a partir de uma prática que não retrata a realidade diversificada em que cada estudante está inserido. De forma superficial, para quem não possui grande compreensão sobre a alfabetização, o método é visto como uma inovação, porém, quando analisamos as raízes que o fundamentam, percebemos que há características teoricamente “ultrapassadas”, que não podem ser consideradas como inovadoras e não contribuem significativamente para o processo de alfabetização.

### 3.3 O método Abacada em análise

O conhecimento do método Abacada se deu durante o curso de Pedagogia. As pesquisadoras realizaram um curso para melhor entendimento do método e também fizeram uma entrevista com a sua proponente. O curso, as informações decorrentes da entrevista e os materiais de divulgação e apostilas serviram de base para a escrita desta seção. A análise foi realizada com base nos materiais utilizados pelos estudantes e nas narrativas das entrevistadas.

#### 3.3.1 Descrição do método

De acordo com os materiais de divulgação, o método Abacada tem como proposta auxiliar alunos com dificuldades de aprendizagem. Essa proposta está atrelada ao trabalho com desafios lúdicos, que possibilitam a aquisição da linguagem, tornando o sujeito participante ativo e atuante. Conforme descrito no manual de orientações metodológicas para o professor, desenvolvido pela criadora:

Esta é uma proposta voltada para alunos do primeiro ano do ensino fundamental, para alunos com dificuldades de aprendizagem, para

educação de jovens e adultos e alunos com deficiência intelectual, alunos esses que com a inclusão frequentam a escola comum e muitas vezes não obtêm êxito na aprendizagem da leitura e da escrita. (MANUAL DE ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA O PROFESSOR)<sup>3</sup>

Percebe-se que o Abacada é destinado a todos os alunos que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, seja por motivos de transtorno, deficiência e/ou fatores externos. Conforme o manual, não há restrição de público, o objetivo central é a aprendizagem da leitura e da escrita.

Silva (2021)<sup>4</sup> relata que a aprendizagem envolve processos complexos e que estão inerentes às áreas de desenvolvimento do aluno, buscando, dessa forma, desenvolver as funções intelectuais e afetivas. A criadora do método comentou que fundamenta-se em autores como Wallon (1995) e Piaget (1973). Em Piaget, retoma a importância da criação de imagem mental e como esse processo levará à assimilação dos conteúdos. Com base em Wallon, reforça o aspecto afetivo emocional e sua interferência no processo de aprendizagem.

A proponente do método justifica sua criação visando a necessidade de um trabalho contínuo e linear, com procedimentos lúdicos que conduzirão o trabalho pedagógico para a efetiva aprendizagem. Ressalta a importância de trazer aquele aluno que durante muitos anos foi esquecido em sala, devido à sua necessidade especial, para o centro do processo com os demais alunos, pois essa criança tende a potencializar o conhecimento que está sendo construído através das suas experiências. Essas crianças possuem maneiras distintas de olhar e se expressar.

Desse modo, o método Abacada é explorado de diferentes maneiras com as crianças, priorizando a ludicidade, presente na utilização dos jogos. Silva (2021) relata oferecer acompanhamento individual aos pais, a fim de esclarecer ideias e sugerir diferentes materiais didáticos, dependendo da necessidade individual de cada caso que é atendido.

Segundo a criadora, Silva (2021), esse é um dos motivos que a levou a desenvolver uma nova estratégia, criando um modo de ruptura com a cultura da incapacidade. Ainda segundo Silva (2021), no método Abacada pode-se perceber a

---

<sup>3</sup> O manual de orientações não está referenciado conforme as normas ABNT devido à falta de informações no material, não há nome do autor, data, edição, nenhuma informação que viabilize a sua referência adequada.

<sup>4</sup> Silva (2021) é a referência utilizada para a entrevista concedida pela autora do método Abacada, no ano de 2021, enquanto as pesquisadoras eram acadêmicas do 3º ano do curso de Pedagogia, mediante uma curiosidade particular das estudantes, que mobilizou a escolha do tema para o trabalho de pesquisa.

unificação de dois métodos já estruturados, sendo eles o método fônico (sintético), método Sodré, além de estratégias de repetição. Essa fundamentação em relação ao Abacada foi dada no curso realizado pela criadora do método e no material de apoio que é ofertado juntamente com o curso (especificamente no módulo I).

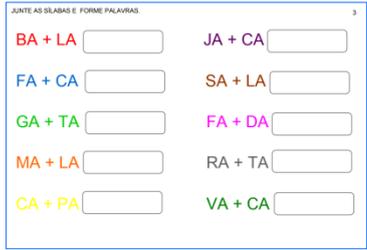
Conforme Silva (2021) o Abacada busca respeitar as habilidades do aluno, de forma que promove a escuta, apresenta curiosidades e características sobre os sinalizadores de cada sílaba. Todo o processo é realizado tendo o aluno como o centro.

Ainda no manual, a autora destaca que “[...] o processo ocorre de forma sistemática, ordenada e progressiva [...]” (p.01), o que nos faz entender que há um percurso a ser seguido. Mesmo com a ideia de sistematização, ordem e progresso, que são aspectos positivos, a forma como ocorre esse progresso é desvinculado de significados, restringe-se ao conhecimento apostilado, remetendo a um ensino mecanicista, que não contribui para a formação de ideias e hipóteses, mas que repete um código aprendido.

Um dos benefícios referentes à utilização do Abacada mencionados no manual é o respeito à individualidade. Essa afirmação nos faz pensar que o método supre as dificuldades individuais de cada sujeito, entretanto, as apostilas não diferenciam-se do livro didático, que é alvo de críticas constantes. Mas é pior do que os livros didáticos, pois estes apresentam textos que contextualizam o tema e as apostilas são, integralmente, de exercícios de treinamento, sem contexto.

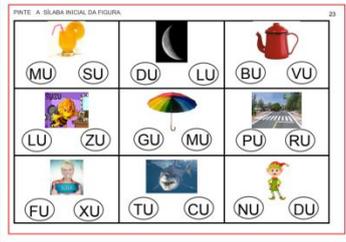
A utilização do método Abacada é feito por meio de apostilas, como mencionamos, onde são propostas atividades com base na seguinte organização:

**QUADRO 3: MODELO DE ATIVIDADE: apostilas Abacada<sup>5</sup>**

VOGAL	UNIDADE DE APRENDIZAGEM	EXEMPLO
A	SÍLABAS	
A	PALAVRAS	
A	FRASES	
O	SÍLABAS	
O	PALAVRAS	

<sup>5</sup> Não tivemos acesso às apostilas referente às vogais E e I, por isso não contém exemplos no quadro.

Continuação:

O	FRASES	
U	SÍLABAS	
U	PALAVRAS	
U	FRASES	
I	SÍLABAS	-
I	PALAVRAS	-
I	FRASES	-
E	SÍLABAS	-
E	PALAVRAS	-
E	FRASES	-

Fonte: As autoras, com base nas apostilas do Abacada.

As atividades seguem o mesmo padrão, o que modifica é a vogal utilizada na formação de cada sílaba. São exercícios mecânicos, que não contribuem para a reflexão. Requer dos alunos apenas a cópia ou repetição oral das sílabas e dos indicadores correspondentes de cada sílaba, exemplo: “BA da banana”, “CA do cachorro”, “DA do dado”. Essa repetição, principalmente, oral é diária. Da mesma forma, durante as atividades é indicado que o aluno repita diversas vezes as sílabas ou palavras, para decorar o som das sílabas, o que pode ser uma dificuldade para alunos com necessidades especiais que apresentam dificuldade na fala.

Cada "nível" de vogal possui uma espécie de painel que deve ser "lido" várias vezes durante o dia, segundo orientações da criadora.

Figura 1 - Painel do E



Fonte: Apostila Abacada

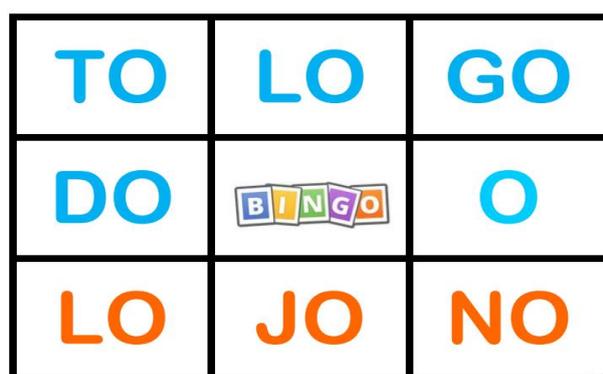
Da mesma forma acontece com os jogos que minimizam a capacidade do estudante em desenvolver estratégias de compreensão do funcionamento da escrita, pois, para cada "nível", o que se difere nos jogos são as vogais, mas a estrutura permanece a mesma, como pode ser observado no exemplo a seguir.

Figura 2 - Bingo do E



Fonte: Apostila Abacada

Figura 3 - Bingo do O



Fonte: Apostila Abacada

Reforçamos que não há oposição em relação ao uso de jogos no processo de alfabetização, pelo contrário, os jogos são aliados lúdicos e significativos na aprendizagem do sistema de escrita. Nossa crítica é em relação à organização do jogo, que não estimula a reflexão, a criação de hipóteses. Outra crítica que fazemos é em relação às frases encontradas nas atividades e nos jogos, como no exemplo da ficha de leitura abaixo. As frases e textos possuem pouco significado, representam mensagens totalmente desvinculadas do contexto, não permitindo ao

aluno visualizar exemplos do que aprende em seu cotidiano ou utilizá-los em virtude das suas necessidades.

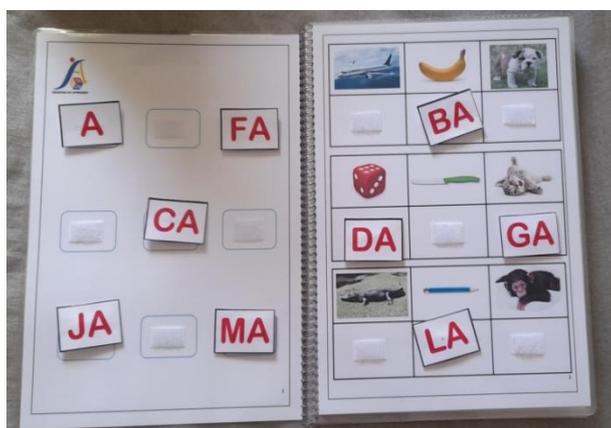
Figura 4 - Ficha de leitura



Fonte: Apostila Abacada

Há ainda materiais mais elaborados, construídos com velcro, imãs, alfabeto móvel, que chamam a atenção do aluno, mas motivam a repetição descontextualizada, alvo da nossa crítica. O uso de diferentes recursos é interessante, mas nesse caso não contribui positivamente.

Figura 5 - Imagens de materiais auxiliares ao método





Fonte: Apostila Abacada

### 3.3.2 Análise crítica do método

Com o intuito de obter conhecimentos de outras percepções sobre o método e seu uso, além do de sua criadora e de seus documentos, apresentamos e analisamos as respostas das entrevistadas, juntamente com o aporte teórico dos autores estudados ao longo dos demais capítulos.

Em relação ao uso do método, questionamos as participantes da pesquisa sobre como ocorreu o contato inicial delas com o Abacada. A pedagoga confessa ter um acesso superficial ao método:

Assim eu não tenho muito conhecimento né até o que eu conheço é pelo que essa professora me passou dele né, é o que ela veio me passar né e o que eu sei através dela, quando ela quis começar a trabalhar com esse método com esses alunos que têm dificuldade ela veio me explicar o que que é então eu conheço superficialmente, bem, bem o método eu não conheço. (PEDAGOGA)

A pedagoga, ainda, ressalta que o uso desse método se deu após tentativas com outros métodos, que provavelmente não alcançaram os resultados esperados, conforme o trecho “ [...] *ela começa pelo processo normal, digamos assim, antigo e com o Abacada agora é uma coisa mais nova. Ela também tentou com os alunos com dificuldade [...]*”. Cabe aqui reforçarmos, que o método por si só não garante o sucesso do processo de alfabetização, conforme Soares (2016):

No entanto, métodos não atuam autonomamente, sem limitações ou obstáculos; constituídos de procedimentos de interação entre alfabetizador (a) e alfabetizados, efetivam-se na inter-relação entre participantes diferenciados, em situação de aprendizagem coletiva, em um contexto escolar inserido em determinada comunidade socioeconômica e cultural. Ou seja: métodos não constroem um processo linear, mas, como

consequência de muitos e vários fatores intervenientes, configuram-se como um processo de grande complexidade. (SOARES, 2016, p. 50)

A alfabetização não depende apenas do método escolhido, se dependesse, seria um processo simples, pois a escolha de um método solucionaria os problemas. Porém, é um processo complexo, que necessita de diversos fatores para sua efetivação. Conforme expressão utilizada por Frade (2003, p. 18) “métodos não definem aprendizado”.

Por sua vez, a professora relata como teve conhecimento do método e expressa sua experiência particular de mãe que utiliza e aprova o uso do Abacada.

Então até surgiu durante a pandemia ali, quando tava né bem forte ali, quando a gente estava mais em casa, até foi uma amiga minha que achou e passou para mim e falou olha eu encontrei esse método né pela internet, ela viu uma mãe que sempre postava atividades da filha dela, uma menina com síndrome de down e essa menina tinha muita dificuldade na fala, e essa minha amiga tem uma menina com síndrome de down e a menina dela não tem muita dificuldade na fala, então ela falou assim: nossa, olha a filha né dessa moça já está alfabetizada e tem tanta dificuldade na fala e a minha ainda não tem e não está alfabetizada, então ela foi pesquisar e ela descobriu que ela trabalhava com esse método, então nós duas conversando ela falou vamos atrás, vamos ver esse método e daí foi que a gente conheceu a [nome da criadora do método] que mora em Curitiba, ela que inventou o método né. (PROFESSORA)

Com o contato inicial, essa professora começou a utilizar no seu âmbito familiar.

E daí a gente conversando com ela nós vimos que o material dela é excelente que o método dela realmente é muito bom e nós decidimos então começar com os nossos filhos né e o resultado foi muito bom o meu filho ele tá com 11 anos e ele também não saía das letras, mesmo fazendo todo tipo de terapia,acompanhamento com psicopedagoga né ele não saía das letras e o traçado dele também ele não gostava de escrever, tinha bastante dificuldade, tinha uma resistência muito grande para escrever pra pegar o lápis, fazer o traçado, tinha que pegar na mão, e a partir do momento, que ele percebeu que ele estava começando a aprender, que ele começou entender as sílabas, automaticamente veio o traçado, ele começou sozinho querer fazer o traçado já, ele mesmo não queria mais ajuda e assim eu acho que foi assim o método assim que eu me surpreendi bastante e eu já tava assim bem desanimada, que seja que meu filho não vai conseguir então alfabetizar. Porque tantos anos tentando né tudo Já tinha tentado vários outros métodos e não tinha surgido o efeito e com esse foi. E também ajudou na fala porque o Abacada, a criança precisa tá falando também bastante durante essa escrita e também veio ajudando na questão da fala dele que a criança com síndrome de down né tem bastante dificuldade na fala, então foi aí que nós encontramos o método e estamos até hoje e não troco por outro porque foi o único que deu o resultado. (PROFESSORA)

Em sua fala podemos perceber a exaltação em relação aos resultados que a professora obteve com seu filho, logo a defesa se dá devido à sua experiência pessoal. Apesar dos resultados positivos relatados pela mãe-professora, não é garantia que unicamente o método seja o responsável pelos progressos e tão somente ele tem chances de funcionar em todos os casos de dificuldades de aprendizagem.

Souza e Cardoso (2012) defendem a busca por práticas bem sucedidas, porém, alertamos, cuidado com a homogeneização, nem tudo que funciona para um aluno ou um grupo, terá os mesmos resultados com todos, pois são realidades distintas.

A projeção em relação ao método ocorre, frequentemente, através dos relatos dos usuários e dos resultados obtidos, ou seja, a maior parte dos dados em relação ao tema estudado, são dados empíricos, sem uma comprovação científica, o que poderia causar dúvidas em relação aos seus resultados positivos.

Na fala da psicopedagoga é possível perceber um receio em relação à sua utilização:

Uhum, sim eu conheço, ele é de uma psicopedagoga e fonoaudióloga [...] ela fez isso com a projeção de ajudar as crianças com problemas de dislexia e o processo de alfabetização, só que porém, a partir do momento que ela trabalha só uma formação silábica ou de palavra, ela não consegue alfabetizar. Eu não concordo com o método, tenho muitas psicólogas que enviam crianças para o consultório de neuro, aaa mais veja esse método está funcionando, não acho que ele funciona, como já falei estamos em um mundo letrado né, e não em um contexto que ele só vai ver palavras com B ou com D naquele sentido que o método proporciona, eu sou contra ele, não tenho estudo a fundo por ser contra. Então nunca procurei me aprofundar nele, porque já vi que não é uma forma que eu acredito que seja coerente para a alfabetização. (PSICOPEDAGOGA)

As respostas das entrevistadas refletem as concepções que elas têm, ou seja, se compararmos as últimas narrativas, podemos perceber visões diferentes de alfabetização e letramento, que interferem no posicionamento em relação ao método Abacada.

Defendemos aqui conceitos como o de Soares (2004) que tem a alfabetização e o letramento como interdependentes e indissociáveis, ou seja, não há como ter uma prática significativa, se desvincular o conhecimento da escrita e o uso desse saber.

Na fala da professora ela revela: “[...] *ele não é o método para você aprender interpretar, porque são frases assim muito simples nem tem algumas frases que nem fazem tanto sentido, ele é para aprender a escrever ele não é um método para você aprender interpretar não [...].*” A própria usuária demonstra que o método contempla uma concepção restrita de alfabetização, isto é, na perspectiva de língua como código e do aprender a codificar e decodificar. A partir dessa afirmativa, questionamos a sua utilização, por não condizer com a concepção que defendemos da alfabetização na perspectiva dos letramentos e do aluno aprendente e ativo.

Se pensarmos em um conceito de alfabetização limitado à leitura como decodificação e de escrita como codificação, o Abacada corresponde aos objetivos, ele atende essa necessidade, pois através do treinamento é possível ensinar a ler e escrever, mas de uma forma que não atribui significado à escrita e sem contextos significativos para o que se está aprendendo.

A simples utilização do método não permite que o aluno transcenda o conhecimento escolar, criando barreiras entre saberes escolares e não escolares. Freire (1991) defende ser necessário refletir sobre o que se aprende, compreendemos que essa reflexão só é possível mediante a relação dos saberes sociais e escolares, derrubando figurativamente os muros entre escola e sociedade.

A psicopedagoga compara: “[...] *É uma repetição né, acaba sendo o mesmo que o BA BE BI BO BU, isso mas de uma forma mais bonitinha [...].*” Mesmo que as apostilas possuam imagens que facilitem o entendimento, a forma como o conteúdo está organizado, não contempla a alfabetização na perspectiva do letramento e não permite que o aluno visualize outras possibilidades além daquelas presentes na apostila. De modo que não há problematização dos usos sociais da escrita.

Se não há problematização, não há possibilidade de usufruir das vantagens dessa aprendizagem, ou seja, o ensino não é significativo. Relembrando as palavras de Cagliari (1998) ao referir-se às cartilhas e livros didáticos de alfabetização, há uma nova roupagem do mesmo, de forma mais bonita e apresentável, mas ainda é o mesmo.

Em oposição à avaliação da psicopedagoga, a professora o avalia de forma positiva: “Então *eu avalio como muito bom, meu aluninho, eu tenho aluninho lá para comprovar né.*” e descreve o exemplo do aluno que menciona. Esse aluno, segundo a professora, possui dificuldade no processo de aprendizagem devido às condições sociais em que vive:

[...] ele é uma criança bem carente, a mãe tem vários filhos, não tinha condições nenhuma de ajudar, eu fui algumas vezes na casa dele durante a pandemia levar atividades,mas mesmo assim né a família assim bem bem sem condições, ele até o ano passado ele tava só nas letras, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com o Abacada, primeiro que ele gostou, é método que tem muita figura ele é muito colorido o material assim né letras maiores ele gostou né tem muita tem muito material mais lúdico, porque tem musiquinha né historinhas e tal ele gostou do método e quando ele viu que ele tava aprendendo, é nítido você ver na criança a alegria [...].  
(PROFESSORA)

Não negamos que os alunos consigam ser alfabetizados com o método, pois quando “treinados”, os alunos “reproduzem” aquilo que foi ensinado. O que ressaltamos é que não há uma aprendizagem significativa, que vá além das repetições e do grafar de unidades descontextualizadas.

Um dos aspectos que questionamos durante as entrevistas foi em relação aos materiais. É de nosso conhecimento que as apostilas são compradas diretamente com a criadora do método, para uso particular em domicílio. Dessa forma, os pais se responsabilizam de custear esses materiais. Mas na escola é inviável, devido aos escassos recursos, comprar uma apostila para cada aluno. A pedagoga explicou como o material foi providenciado para o uso na escola.

[...] como era uma coisa que ela queria e ela tava se aperfeiçoando nisso, porque ela tem um filho que é especial, ela tava em busca por causa do filho. Então ela colocou dentro da sala de aula também esse trabalho então foi ela que foi atrás, às vezes ela veio pedir para a gente fazer cópias, porque é todo apostilado que ela comprou, então ela traz pra gente fazer cópias, para as crianças porque a questão da cópia para a sala de aula a gente fala que a escola que faz então ela traz o material pra gente fazer a cópia pros alunos que ela quer trabalhar. (PEDAGOGA)

A professora confirma a afirmação realizada pela pedagoga, a escola oferece esse auxílio.

[...] a escola ela imprime as apostilas de reforço eu consigo a escola imprime para mim e eu tenho algumas alguma coisa algum material com velcro alguma coisa que era do meu filho que eu levo para escola e eu consigo tá usando com os alunos né, cartaz do Abacada, eu pego o material que eu tenho mas se eu pedir também a escola faz para mim [...].  
(PROFESSORA)

A escola, mesmo com suas limitações, busca auxiliar a professora na prática que ela defende. Atualmente há diversos recursos além do papel que possibilitam a aprendizagem, mas há docentes que mantêm o uso frequente das atividades impressas e o uso das apostilas. As fotocópias acabam sendo em preto e branco, o

que pode desmotivar o aluno. Além disso, o colorido faz parte da produção de sentidos e a cor acaba chamando mais atenção do que a própria atividade. Se pensarmos no que o aluno lembrará futuramente, qual marca queremos deixar? De uma situação que foi problematizada, que o aluno se envolveu ou como o relato da psicopedagoga, quando ela conta as experiências que ela lembra em relação a sua infância e processo de alfabetização: “[...] *as pedagogas chegavam assim e faziam que a gente decorasse [...] é isso que me lembro, dessas cartilhas [...] a professora colocando e a gente tendo que reproduzir [...]*”. As apostilas, o treinamento, a imposição foi o que marcou para ela nesse processo e não o aprendizado em si.

A professora menciona que, além das apostilas, há jogos específicos do Abacada que auxiliam no processo de alfabetização, porém quando indagamos, como ela utiliza esses jogos, relata:

[...] então eu não consigo usar com eles jogos, por exemplo na sala é difícil usar porque tem que ser mais interativo eu tenho que estar junto e daí tem a questão das outras crianças que, vão querer também só que como eles já estão já estão em outro nível para eles não é interessante aquele jogo tem que ser um outro tipo de jogo [...] (PROFESSORA)

Há outros recursos, como os jogos, que contribuem para a aprendizagem significativa e lúdica, mas não é um instrumento que a professora faça uso. Dessa forma, podemos pressupor que as demais atividades são mecânicas e repetitivas e que os alunos podem resolvê-las sozinhos, sem o acompanhamento da professora, enquanto nos jogos ela precisaria estar junto.

Esse trecho sugere a falta de mediação docente, contrapondo o que está escrito no manual, que cita que o método possibilita a participação e atuação do aluno de forma colaborativa. Porém, a sua efetivação ocorre perante realizações individuais do aluno nas atividades, sem que seja atribuída uma razão coerente, que o aluno entenda o porquê de estar realizando, é um fazer sem intenção, o fazer apenas por fazer.

É visível que não há interação com os demais alunos, mas uma segregação em relação às atividades e conteúdo, já que “se utilizar jogos todos vão querer”, perdendo o sentido de que a aprendizagem é construída na interação. Conforme estudos de Dabas (1998), o processo de aprendizagem perde o seu sentido social, passa a ser individual, no sentido negativo.

Quando o aluno não se torna protagonista e autor no ambiente de sala de aula, ele ainda é deixado em um canto da sala, realizando atividades coloridas e com figuras, mas que não atendem a expectativa de Silva (2021). Ao defender a criação do método, a propositora o faz para trazer esse aluno para o centro do processo, todavia, ele continua às margens. Pois, não é uma atividade diferente dos demais alunos que o torna protagonista, mas uma concepção do docente ao utilizar de diferentes práticas e estratégias que proporcionem momentos em que esses alunos possam expressar as suas potencialidades e capacidades.

Por meio dos relatos anteriores da professora é possível perceber que ela tem apoio da equipe pedagógica, o que é muito importante para o processo de ensino. Mas na situação de escolha do método, a equipe, embora tenha se disponibilizado a tirar as fotocópias, resistiu. Sobre esse apoio a professora comenta:

Na escola que eu trabalho, a diretora assim nessa parte, ela não influencia muito, mas a pedagoga no começo ela foi resistente quando eu apresentei para ela, até as professoras da escola gostaram né, algumas gostaram, mas a pedagoga falou, que a rede usa outro método [...] (PROFESSORA)

Nas escolas públicas, há determinações por se tratar de um sistema. Logo, a forma como a professora conduz o processo de ensino é individual, mas há conteúdos e objetivos que são de uma rede toda. A organização do sistema de educação definido pelas secretarias influencia no modo de aprendizagem, como citamos nos capítulos anteriores, principalmente em relação às avaliações externas, que foi um dos temas da pergunta destinada à pedagoga. Sobre o assunto ela comenta:

Em questão de município, até essa professora [...] já conversou comigo que ela queria trabalhar com a turma toda o método, só que daí temos um entrave assim, quando vem uma prova do município. Porque a gente faz avaliação externa, quando vem a prova, a prova vem no método tradicional nosso, o qual expliquei pra vocês, então pras crianças ia ser diferente, porque não é um método que é usado pelo município, pela rede toda. Se fosse pela rede toda tudo bem, porque as avaliações seriam iguais, agora ele não vem, daí fica complicado para professora aplicar pra turma toda, e quando vem a prova seria uma coisa diferente. (PEDAGOGA)

As escolas fazem parte de um sistema que apresenta falhas, isso é incontestável, mas o trabalho realizado é coletivo. As unidades escolares são formadas por professores, pedagogos, diretores, alunos e família. Esses sujeitos

formadores interferem e devem fazer parte do processo de alfabetização. Com relação a essa participação a pedagoga relatou não ter problema, que os pais compreendem a forma como trabalham e que é estabelecido um diálogo, para aproximar a escola da família.

[...] aquina nossa escola a comunidade ela é bem aberta, tudo o que a gente vai fazer a gente conversa com os pais, a gente mostra que é pro bem do aluno, se a gente tenta de um jeito isso muito com os alunos inclusos, muito com as crianças que têm dificuldade, a gente chama a gente conversa, olhe a gente já tentou pelo comum da sala de aula mas não deu certo então a gente tem que buscar outras estratégias e assim os pais aqui, pelo menos na nossa escola eles não são contra [...] e é um aluno que a gente não tem conhecimento, mas quando a gente chama os pais e começa a conversar com os pais desde lá eu sempre costumo perguntar como foi a gestação foi uma gestação tranquila teve problemas e depois na infância antes de chegar na escola o que aconteceu com essa criança e muitas vezes a gente descobre muitas coisas nessa conversa com os pais que na hora da matrícula né correndinho não conta para gente mas quando a gente vai conversar a gente descobre o que tá atrás dessa criança a gente sabe que influencia a gente começa a ter um novo olhar para criança. (PEDAGOGA)

Em relação aos pais que aprovam o uso do Abacada, acreditamos que essa aprovação seja inconsciente, por muitos não possuírem conhecimentos da área. Logo, deveria ser dever da escola como um todo, zelar por práticas significativas. Há uma preocupação com o contexto, pois esse influencia no processo de aprendizagem como já mencionamos em momentos anteriores. O aluno quando é acolhido, se sente pertencente àquele lugar, isso só é possível quando a escola possui uma comunicação efetiva com a família.

A família é o alicerce do processo educacional, pois o conhecimento inicial do aluno vem da base familiar, quando se trata de uma família desestruturada, não participativa, a estrutura escolar apresenta fragilidades. Em relação aos resultados escolares, muitas vezes, os responsáveis acabam se assustando e não sabendo como auxiliar esse estudante, há aqueles que buscam no auxílio médico, um laudo ou uma medicalização capaz de justificar ou curar a criança que não consegue aprender. Sobre isso a psicopedagoga comenta:

É muito fácil chegar e falar, olha ele não aprende porque tem um laudo. Isso a questão do laudo, ela é discutida porque eu sempre refugio o laudo quando ele vem como primeiro, eu sempre peço um segundo, terceiro lá no consultório, os pais dizem [...] eu vou consultar de novo, vou pagar de novo. Porque não é uma consulta barata, mas eu sempre me pego naquele laudo dizendo será que é isso, será que esse laudo é vitalício pra criança, será que é um laudo momentâneo de algo que ela tá passando no emocional

que tá fazendo não atingir tal objetivo dentro da alfabetização.  
(PSICOPEDAGOGA)

Nota-se na fala da psicopedagoga que são atribuídas justificativas para a não aprendizagem ou para os resultados negativos, que parecem “condenar” a criança àquela situação para toda a vida, como o laudo. O uso homogeneizado do Abacada pode mascarar as verdadeiras causas das dificuldades. Toda intervenção de ensino requer um planejamento e trabalho consciente, individualizado, pois cada aluno é único, com especificidades distintas, de maneira a promover uma aprendizagem efetiva e de qualidade.

Uma das características marcantes do método Abacada é o uso de desenhos que representam cada sílaba. Sobre esse aspecto, percebemos que o aluno fica restrito àqueles sinais, para ele o A sempre vai ser do avião, o BA da banana, restringe o ensino a apenas aquele exemplo, não permite que o aluno visualize em diversos contextos, conforme defendido por Soares (2006).

O manual do método Abacada apresenta uma ideia de que se efetiva de forma bastante lúdica, porém, embora o lúdico seja um ponto positivo no processo de alfabetização, assim como o colorido, que contribui para fixação e construção de sentido, notamos que prevalece a repetição e a mecanicidade.

Os jogos são instrumentos bastantes significativos e que devem ser utilizados durante todo o processo de escolarização, todavia, repetimos, requer a mediação docente, não basta colocar o aluno isolado, a aprendizagem requer interação e problematizações. Outro aspecto que retomamos é que mesmo o jogo necessita ter intencionalidade e objetivos, precisa ser contextualizado, deve servir como um recurso do processo, não apenas como uma distração.

Acreditamos que a ideia de progresso é relevante, traçar metas permite visualizar a evolução, saber em qual posição o aluno se encontra, o que ele já sabe e o que pode aprender, auxilia no planejamento do professor, para que planeje novos desafios e não mais do mesmo.

Ao analisar a estrutura do método Abacada, concordamos que há uma preocupação com os alunos que têm uma dificuldade, a preocupação é legítima, assim como os objetivos de trazer esse aluno para o centro do processo, promovendo sua participação. Porém, a concepção em relação à alfabetização é muito restrita, limita o conhecimento que esse aluno vai ter quando não contempla o

letramento, não permite que o aluno desenvolva hipóteses, a criticidade não é reconhecida como essencial.

O método limita o aluno a conhecimentos iniciais e descontextualizados sobre o sistema de escrita, o que não permite que o aluno supere os rótulos que são empregados a ele devido à sua condição física, mental ou social. Não há superação da visão de incapacidade, mas há um contentamento com o mínimo, uma conformação com o pouco que esse aluno aprende e não o desafia a elaborar novos conhecimentos.

A grande desvantagem desse método é que não se constrói conhecimento, apenas se decora. São dadas ao estudante apenas as partes da língua (sílabas e palavras), mas não se ensina que essas partes constituem os textos, que são o que, realmente, faz sentido e proporciona maneiras de acessar e construir novos saberes e novas realidades. Por meio das entrevistas e dos estudos desenvolvidos acerca do referido método, podemos afirmar que há influência do Abacada no processo de alfabetização, mas não na perspectiva do letramento. Portanto, sua influência é negativa, pois o aluno é visto como mero reproduzidor, e entendemos que, mesmo o aluno com dificuldades, possui potencialidades e capacidades de ser autor de suas próprias ações e aprendizagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados, podemos afirmar que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados. Em relação ao primeiro objetivo específico “Discutir as concepções de alfabetização/letramento e de métodos para alfabetizar”, identificamos que há diferentes formas de conceber a alfabetização. Em uma perspectiva mais restrita, a alfabetização é centrada apenas na faceta linguística, nas relações grafofonêmicas, no codificar e decodificar, na aquisição de um código. Não há exigências de significação ao que é apreendido com relação às práticas sociais, o processo de ensino é limitado à aprendizagem inicial da leitura e da escrita, com atividades de cópia e caligrafia, não permitindo que o aluno vislumbre outras realidades além do cumprimento de atividades escolares.

A visão ampla contempla a alfabetização na perspectiva do letramento, de modo que o ensino da leitura e escrita se dá de forma contextualizada, no contexto das práticas sociais, assumindo a complexidade do processo, assim como suas multifacetadas, trabalhando em conjunto com textos desde o início do processo. Nessa perspectiva, o aluno amplia suas compreensões e ressignifica a aprendizagem da leitura e da escrita.

Por meio das discussões em relação aos conceitos de alfabetização, letramento e método, entendemos que alfabetização e letramento apesar de serem distintos, são indissociáveis.

Ainda em nossos estudos, percebemos que o método, muitas vezes, é visto como se fosse o único responsável pela garantia do aprendizado. Por isso há permanências e insistências no uso de métodos tradicionais (analítico e/ou sintético), sejam elas presentes nos materiais didáticos ou mesmo na própria ação docente, visando a efetivação de resultados positivos. Evidenciamos que não há um método único, correto e eficaz, mas práticas e metodologias que auxiliam no ensino significativo, possibilitando ao aprendiz explorar e criar suas próprias hipóteses sobre o funcionamento da escrita, sob a mediação do professor.

No segundo capítulo, procuramos responder ao segundo objetivo específico “Compreender os fatores externos e internos que influenciam nas dificuldades apresentadas no processo de alfabetização”. Verificamos que a aprendizagem é um termo complexo e que não se limita ao contexto escolar, tudo o que sabemos foi aprendido. As dificuldades não devem ser vinculadas apenas ao aluno, mas podem

ser oriundas de fatores externos e internos, que exigem um diagnóstico cuidadoso, sensível e personalizado. Mas que não devem servir para rotular, limitar ou decretar o fracasso da criança.

O capítulo três relaciona-se aos dois anteriores, que iluminam o nosso olhar para os dados e a análise do método. Nele respondemos ao terceiro objetivo específico “Analisar a estrutura e a influência do método Abacada no processo de alfabetização de alunos com dificuldades de aprendizagem, mediante o relato dos sujeitos envolvidos (professora, coordenadora e psicopedagoga)”. No diálogo entre a pesquisa bibliográfica e documental e a pesquisa de campo procuramos responder a pergunta de pesquisa: Qual é a influência do método Abacada no processo de alfabetização/letramento de alunos com dificuldades de aprendizagem? As opiniões das entrevistadas apresentaram divergências em relação às concepções e práticas de alfabetização e letramento e ao uso do método Abacada. A análise revelou que a professora possui um posicionamento de defesa do método, enquanto a pedagoga demonstra pouco conhecimento sobre o tema e discorda em certos aspectos, principalmente, na questão da sistematização. A psicopedagoga demonstra um posicionamento firme de contrariedade em relação ao uso do método.

A partir dos estudos realizados, concluímos que o referido método não contribui para o processo de alfabetização na perspectiva do letramento, pois a proposta remete a um ensino mecânico, onde não se estimula a problematização. Parte de unidades menores da língua, podendo ser caracterizado como um método sintético. Isso demonstra que, mesmo com as evoluções dos estudos educacionais, ainda há raízes tradicionais que não foram esquecidas.

Apesar do material possuir uma apresentação encantadora, a forma como se encontra organizado, baseada em exercícios de repetição, demonstra a ênfase no treinamento, criando alunos reprodutores e não transformadores.

Reconhecemos que há falhas no processo de ensino, que dificultam a assimilação do aluno, mas isso não deve permitir que ocorra uma limitação da capacidade do sujeito em virtude da sua condição social, econômica ou em virtude de um transtorno.

O professor deve assumir o compromisso firmado ao escolher a profissão, de realizar um processo com qualidade, baseado no contexto e na individualidade do aluno, capaz de formar sujeitos críticos. Sabemos que para os professores é difícil

desenvolver ações mais autônomas nas escolas de redes de ensino, por se tratar de um coletivo. Mas é necessário que o docente, dentro de sua sala, desenvolva sua autoridade e autonomia em relação ao sistema, e não se torne um refém, mas que possa lutar por uma educação de qualidade. As pedagogas e equipes gestoras, devem auxiliar os professores nesse processo, que acaba por ser solitário e até mesmo desanimador, devido às cobranças que recaem sobre ele e os alunos. A responsabilidade pela educação é de todos.

Assim como a conscientização em relação ao compromisso com a educação, a formação continuada é um diferencial, não há como desenvolver um trabalho significativo, se o profissional parar no tempo e ficar reproduzindo as estratégias internalizadas de forma acrítica e homogeneizada. A pesquisa é fundamental para a não perpetuação de concepções equivocadas.

Com base nas narrativas e nos autores estudados, afirmamos que o método Abacada parece configurar-se como um treinamento baseado nos métodos sintéticos tradicionais que não promovem as práticas sociais da leitura e da escrita, seja com alunos que possuem ou não dificuldades de aprendizagem.

A pesquisa contribuiu para que pudéssemos firmar nosso posicionamento em uma concepção mais ampla de alfabetização que contemple as práticas sociais de leitura e escrita, para que o ensino seja intencional e significativo, promovendo a formação de alunos protagonistas e questionadores.

Além de ampliar as compreensões sobre as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e as influências que elas podem causar na formação integral da criança, nos instiga a pensar novas problemáticas para futuros trabalhos, como por exemplo, refletir sobre o papel do pedagogo e da família na tentativa de minimizar esses impactos e o papel das secretarias mediante as dificuldades de aprendizagem.

Os estudos sobre a temática não se esgotam no presente trabalho, pois se trata do início de uma pesquisa que exige a busca de mais respostas e outras perguntas, devido à complexidade que envolve o processo de alfabetização e seus desafios.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Artmed Editora, 2014.
- BARBOSA, J. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BOSSA, N. A. **Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2014.
- CAGLIARI, I. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.
- CANCIAN, Q. G.; MALACARNE, V. **Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem.** Congresso de Educação da FAG, 2019.
- CARTAXO, S.; SMANIOTTO, G.; FONTANA, M. As facetas da alfabetização nos cursos de pedagogia: desafios para a formação do professor. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 1126-1147, set./dez. 2020.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre teoria e prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- COLELLO, S. M. G. Sentidos da alfabetização nas práticas educativas. In: **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?**.2014.
- COLOMER, T. **Andar entre livros.** Tradução de L. Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSENZA, R.; GUERRA, L. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende.** Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DABAS, E. **Redes Sociales, Familia y Escuela.** Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998.
- FARIAS, E. R. S.; GRACIANO, E. R. **Dificuldades e distúrbios de aprendizagem.** Curitiba: InterSaberes, 2019.
- FRADE, I. Escolha de livros de alfabetização: dialogando com permanências históricas e com modelos atuais de inovação. **História da Educação**, Pelotas, v.7, n.14, p.173-193, set. 2003.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez Editora, 2022.
- FERREIRO, E. Lengua oral y lengua escrita: aspectos de la adquisición de la representación escrita del lenguaje. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 9., 1990, Campinas. **Anais [...].** Campinas: IEL-UNICAMP, 1990, p. 1-15.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GRIFFO, C. Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização: perspectiva do aprendiz. In: GOMES, M. F. C.; SENA, M. G. C. (Orgs.). **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 39-54.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, M. F.; SENA, M. G. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

**Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014.

MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA *et al* (Org). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento. **Construir notícias**. Recife, PE, v. 7, n.37, p. 5-29, nov./dez. 2007.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006.

Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf)>.

Acesso em: 16 jun. 2022.

MOUSINHO, R.; NAVAS, A. L. Mudanças apontadas no DSM-5 em relação aos transtornos específicos de aprendizagem em leitura e escrita. **Debates em Psiquiatria**, v. 6, n. 3, p. 38-46, 2016.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações orgânicas e os processos cognitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRADO, K. D. **Programa mais alfabetização (PMALFA)**: uma análise político-pedagógica. Orientador: Profa. Dra. Simone Regina Manosso Cartaxo. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2021.

PROENÇA, M. Problemas de Aprendizagem ou Problemas de Escolarização? Repensando o Cotidiano Escolar à Luz da Perspectiva Histórico-Crítica em Psicologia In: **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.p. 177-195.

- ROHDE, L. A. P.; BENCZIK, E. B. P. Transtorno de Déficit de Atenção/hiperatividade. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROSA, M. G. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização. **Revista Práxis Pedagógica**, v. 2, n.1, jan./mar.2019. p.135-148.
- SAMPAIO, S. **Dificuldades de Aprendizagem: a Psicopedagogia na Relação**. São Paulo: Editora Wak, 2011.
- SAMPAIO, S.; FREITAS, B. I. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem entendendo melhor os alunos com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2014.
- SANT'ANNA. V. L. L. **Dimensões do processo ensino-aprendizagem: desafios à prática docente**. *Pedagogia em Ação*, v. 1, n. 1, p. 15-23, jul. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/641>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SILVA, M. L. Q. S. Avaliação Psicopedagógica - Protocolo Breve. In: **Anais do XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: PUCPR, 2009, p.8419-8429.
- SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.25, p.5 -17, jan./abr. 2004.
- SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 54-67.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOUZA, I.P.M.; CARDOSO, C.J. Práticas de alfabetização e letramento: o fazer pedagógico de uma alfabetizadora bem sucedida. In: 35ª Reunião Anual da Anped, 2012, Porto de Galinhas. **Anais [...]**. Porto de Galinhas: Anped, 2012. p.1-16.

SOUZA, M. P. R. **Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização?** Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em psicologia. São Paulo: Moderna, 2002.

TULESKI, S. C.; EIDT, N. M. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**: do nascimento à velhice. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Rio de Janeiro: Estampa, 1995.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos – CEP  
Av. Carlos Cavalcanti, 4748 – Uvaranas  
Bloco da Reitoria – Sala 22 - Campus Universitário  
CEP: 84030-900 – Ponta Grossa – PR  
E-mail: [prorespsecretaria@uepg.br](mailto:prorespsecretaria@uepg.br)  
Horário: Segunda a sexta, 8h às 12h e 13h às 17h Fone:  
(42) 3220-3282

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Érica Lorena de Souza Pereira e Nayara Aparecida Trindade, graduandas na Universidade Estadual de Ponta Grossa, desenvolvemos a pesquisa que tem como tema **O processo de alfabetização de alunos com dificuldades de aprendizagem: uma análise crítica do método Abacada**, devidamente registrada na Plataforma Brasil sob nº 59762222.6.0105.

Nesta investigação, somos orientandas da Professora Dra. Giselle Cristina Smaniotto, pesquisadora na área de Linguística Aplicada, no departamento de Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A pesquisa tem como objetivo central: Analisar criticamente o método Abacada no processo de alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem.

Mediante a apresentação sobre a investigação, convidamo-vos a participar como sujeito voluntário da pesquisa. Sua participação ocorrerá por meio de contatos efetivados pelas pesquisadoras para a realização de uma entrevista semiestruturada de forma presencial ou via *Google Meet*, considerando-se a disponibilidade do participante.

As entrevistas serão gravadas e, posteriormente, os conteúdos serão transcritos e analisados, compondo o texto da monografia. Na entrevista semiestruturada, as temáticas exploradas versam sobre suas perspectivas em relação às concepções de alfabetização, letramento e sobre o método Abacada. Esclarecemos, ainda, que, no momento da entrevista, serão solicitados dados relativos à sua formação e experiência profissional, com vistas a estabelecer o perfil dos participantes no processo de pesquisa.

Sobre sua participação, você pode esperar alguns benefícios, tais como: contribuir na ampliação das reflexões a respeito da alfabetização e letramento; refletir sobre os conhecimentos referentes às dificuldades de aprendizagem da língua escrita; e destacar a importância da reflexão e análise dos métodos e práticas de ensino na alfabetização, em especial, referentes ao método Abacada.

No entanto, faz-se necessário pontuar possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo. Os sujeitos participantes podem sentir-se desconfortáveis durante a realização das entrevistas, devido

ao tempo, questionamentos e gravação. Levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização, comunicamos que o sigilo das informações será resguardado, e, em nenhum momento da pesquisa, serão divulgados dados pessoais do participante, ou ainda, vinculação do conteúdo das respostas e/ou posicionamentos com nome do sujeito da pesquisa.

Fica resguardado o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, antes ou depois de participar da entrevista semiestruturada, sendo desnecessário apresentar justificativa para seu desligamento. Esclarecemos, ainda, que não haverá despesas ou custos para participar da pesquisa, porém, caso tenha alguma despesa gerada em virtude de sua participação na entrevista, esta será ressarcida pelas pesquisadoras, via depósito em conta ou dinheiro, após a devida comprovação.

Assumimos o compromisso de que os posicionamentos e os diálogos das entrevistas semiestruturadas serão utilizados para fins de pesquisa, podendo os resultados serem veiculados em artigos científicos em periódicos e/ou encontros científicos e congressos, mantendo o sigilo sobre sua identificação.

Após a transcrição e a análise dos dados da entrevista, as gravações serão excluídas, pois já cumpriram sua finalidade para a pesquisa.

Informamos, ainda, que os resultados da pesquisa serão compartilhados com os participantes, pois a investigação se desenvolve pautada no diálogo e na construção colaborativa sobre o objeto de estudo.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras, sua orientadora ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Acadêmica: Érica Lorena de Souza Pereira

Telefone: 42 99943-7091 E-mail: [ericas.megasmart@gmail.com](mailto:ericas.megasmart@gmail.com)

Acadêmica: Nayara Aparecida Trindade

Telefone: 42 99984-9190 E-mail: [nayaragringo@gmail.com](mailto:nayaragringo@gmail.com)

Professora: Giselle Cristina Smaniotto

Telefone: 42 99927-7067 E-mail: [gisellesmaniotto@yahoo.com.br](mailto:gisellesmaniotto@yahoo.com.br)

Comitê de Ética em Pesquisa

Telefone: (42) 3220-3282

Horário de atendimento: Segunda a sexta, 8h às 12h e 13h às 17h

Eu, \_\_\_\_\_,

(*nacionalidade*), \_\_\_\_\_ *anos*, \_\_\_\_\_ (*estado civil*),

\_\_\_\_\_ (*profissão*), residindo à

\_\_\_\_\_, *portador de identidade*

\_\_\_\_\_, informo que tive conhecimento sobre a pesquisa, e considero que estes são suficientes para a compreensão sobre minha participação, e, portanto, concordo em colaborar com o trabalho. Estou ciente de que não haverá custos para minha participação, porém caso haja alguma despesa, as pesquisadoras responsabilizam-se pelo ressarcimento financeiro. Tenho ciência, ainda, que

posso me desvincular da pesquisa a qualquer momento, independentemente do fato de ter participado da entrevista.

Nestes termos de consentimento, fica livre e esclarecida qualquer dúvida. E que, será acordado em duas vias, sendo uma de posse da participante e outra do pesquisador.

---

Assinatura

---

Assinatura da pesquisadora responsável

---

Assinatura da pesquisadora participante

Ponta Grossa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

## APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS

### PROFESSORA

- Qual seu campo de atuação na área da educação?
- Há quanto tempo exerce a profissão?
- Possui experiência em turmas de alfabetização?
- O que compreende como alfabetização? E sobre o conceito de letramento?
- Quais os métodos/ metodologias você utiliza no processo de alfabetização?
- Você percebe diferenças na alfabetização de alunos com necessidades especiais?
- Quais são os distúrbios e dificuldades de aprendizagem mais comuns nas classes de alfabetização?
- Como você trabalha com os alunos que apresentam tais dificuldades?
- Como você teve conhecimento do método Abacada?
- Como você o avalia?
- E como ele é trabalhado com os alunos em sala de aula?
- Você acredita que o Abacada promove a construção dos conhecimentos necessários para aprender a ler e escrever?
- O método concebe a alfabetização na perspectiva do letramento?
- Quais os desafios encontrados na utilização do método? O que precisa ser aprimorado?
- Qual é o posicionamento da direção da escola em relação à utilização do método? Há outros docentes que o utilizam na mesma escola? (Opcional)

### PEDAGOGA

- Qual seu campo de atuação na área da educação?
- Há quanto tempo exerce a profissão?
- Possui experiência em turmas de alfabetização?
- Enquanto pedagoga, o que compreende como alfabetização? E sobre o conceito de letramento?
- Quais são os métodos/ metodologias utilizados na escola no processo de alfabetização?
- É defendido algum método específico?

- Há professores que utilizam o método Abacada?
- Qual o seu conhecimento sobre esse método?
- Como teve acesso?
- Como você avalia o método Abacada? Você acredita que o Abacada promove a construção dos conhecimentos necessários para aprender a ler e escrever?
- O método concebe a alfabetização na perspectiva do letramento?
- Quais os desafios encontrados na utilização do método? O que precisa ser aprimorado?
- Qual é o posicionamento da direção da escola em relação à utilização do método? Há outros docentes que o utilizam na mesma escola? (Opcional)

### PSICOPEDAGOGA

- Qual seu campo de atuação na área da educação?
- Há quanto tempo exerce a profissão?
- Possui experiência em turmas de alfabetização?
- Qual a sua opinião em relação à utilização de métodos de alfabetização? Você acredita que um método pode ser o responsável pela aprendizagem da leitura e escrita dos alunos?
- Quais são os fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita em crianças?
- Quais atitudes favorecem a alfabetização dessas crianças?
- Você conhece o método Abacada?
- Acredita que ele contribui para a alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem na alfabetização? Por quê?
- O método concebe a alfabetização na perspectiva do letramento?
- Quais características do método Abacada você julga serem importantes para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita?
- Quais aspectos do método julga que precisam ser aprimorados?
- Pra você, o que é essencial para promover a alfabetização de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita?